

DIABLO™

ДЕМОПСВАПЕ



ROBERT B. MARKS

SÉRIE



PRELÚDIO

DEMONSBANE
ROBERT B. MARKS

-

MATADOR DE DEMÔNIOS
TRADUÇÃO DE: NICK GRAY
2ª Edição



POCKET BOOKS

New York, London, Toronto, Sydney, Singapore

[O original deste livro, em inglês, foi e ainda é vendido e/ou distribuído apenas como um e-book]

Este livro é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e eventos são produtos da imaginação do autor ou são usados de maneira fictícia. Qualquer semelhança com eventos, locais ou pessoas reais, vivas ou mortas, é mera coincidência.



POCKET BOOKS, uma divisão de Simon & Schuster, Inc.
1230 Avenue of the Americas, New York, NY 10020

Visite-nos no site:

<http://www.SimonSays.com>

Copyright © 2000 by Blizzard Entertainment

Todos os direitos reservados, incluindo o direito de reproduzir este livro ou partes do mesmo, de qualquer forma que seja. Para informações enderece a Pocket Books, 1230 Avenue of the Americas, New York, NY 10020

ISBN: 0-7434-1899-9

POCKET e colophon são marcas registradas de Simon & Schuster, Inc.



Para Dennis L. McKiernan, por me inspirar não só a escrever mas a continuar escrevendo.

Para Marco Palmieri, meu editor, que me deu a oportunidade na Pocket Books que eu não teria conseguido de outra maneira.

Para Jennifer Jackson, minha agente, que tem sido uma ajuda incrível.

E por último, mas certamente não menos importante, para Gordon “Sarnakyle” Brown, que aventurou-se comigo por inúmeros níveis de uma masmorra à procura do mal...

1 – A NOITE DAS ALMAS



E os anfitriões do Inferno refletiram a respeito dos homens, e juraram vingança por sua derrota pelos Vizjerei.

*“Não mais essas criaturas nos negarão,” professaram os Demônios Primordiais¹,
“pois somos muito maiores que eles.” E assim iniciou-se a Guerra do Pecado.*

– As Sagradas Escrituras do Zakarum

Siggard acordou assustado, os sons da batalha ainda tocando em seus ouvidos, como se ele tivesse estado há pouco no meio da carnificina.

Exausto, ele se estendia no declive de uma estrada, as árvores de ambos os lados obscurecidas por uma leve névoa iluminada pelo luar. Ele tentou se sentar, apenas para ter suas costas explodindo em dor. Por um momento ele esfregou os músculos e rins doloridos, e então se esforçou para colocar-se de joelhos.

Piscando, ele perguntou-se onde estava e como chegara lá. A estrada não lhe parecia nem mesmo familiar, e não havia nenhuma referência visível. Ele coçou a cabeça, tentando pensar, e recuou por um momento quando suas unhas passaram sobre um local sensível.

Siggard era um homem grande, bem desenvolvido, com uma barba castanha cheia. Mas agora, seus olhos cinzas, normalmente plácidos, estavam apertados, e sua barba estava embaraçada. Ele balançou a cabeça; sabia que tinha estado no campo de Blackmarch, um homem-escudo no exército do Conde Edgewulf. E eles estavam combatendo alguém, mas quem era ele não podia dizer.

Gemendo, Siggard pôs-se a andar. Ele primeiro teria que achar seu caminho para o campo de batalha e tentar se reagrupar ao exército, mas o que ele verdadeiramente desejava era reagrupar-se a sua família na Colina do Urso². Isso teria que esperar até o combate terminar, entretanto.

Fazendo o inventário de seu equipamento, ele notou que sua espada estava bem mais serrilhada que da última vez que se lembrava, e seu brusquidão de couro e suas calças estavam surrados porém inteiros. Para onde sua cota de malha havia ido, ele não tinha idéia. Seu escudo largo também estava desaparecido.

Camuflado em uma névoa misteriosa delimitada no luar, Siggard tentou conseguir suas direções, mas não importava para que lado virava, ele não podia dizer onde Blackmarch estaria. Finalmente, ele escolheu uma direção e começou a caminhar.

Quanto tempo ele caminhou antes de alcançar a força, Siggard não podia dizer, embora tenha parecido horas. Indiferentemente, ele se encontrou enfrentando uma bifurcação na estrada. Para um lado da estrada havia um aviso triangular, mas estava muito escuro para lê-lo. No outro, estava uma força, um cadáver decadente pendurado dela por uma gasta corda de linho.

Desconvidadas, as palavras de um de seus camaradas de exército voltaram para ele. “Homens enforcados têm almas nervosas, sabe,” o velho Banagar disse. “É por isso que eles os içam em encruzilhadas. Desse modo eles não podem achar seu caminho de volta para a vingança.” Banagar sempre tinha sido bastante mórbido, ele refletiu.

Siggard sacudiu a cabeça, tentando ignorar o fedor de carne putrefata. A estrada tinha que dar numa cidade em algum lugar, ainda que fosse no próprio maldito submundo. Então tudo que ele tinha que fazer era escolher uma direção e segui-la.

Ele olhou o cadáver e sorriu. “Suponho que você não saberia o caminho para Blackmarch, né?”

A cabeça apodrecida do cadáver girou e o encarou.

Siggard saltou para trás em choque, desembainhando sua espada e olhando fixamente para a forca. O corpo oscilava, inanimado, como ele estava antes de Siggard falar, e como estivera sem dúvida alguma durante muito tempo antes mesmo de o soldado chegar.

Sua espada ainda desembainhada, Siggard moveu-se de volta a um dos caminhos, finalmente virando uma vez que a forca desapareceu na névoa. A neblina etérea enrolava ao seu redor à medida que ele caminhava, Siggard entoando uma oração silenciosa com cada passo.

O caminho torcia e virava entre as árvores, e a sujeira mastigava sob as botas de Siggard. Por um momento ele perguntou-se se não estaria em alguma floresta infinita dos condenados, forçado a vagar em um bosque assombrado por toda eternidade. Ele balançou a cabeça; se fosse achar sua saída, ele teria que parar de pensar assim.

Formas quase imperceptíveis apareceram na névoa à frente dele, e por um momento Siggard pôde ver um cavalo e cavaleiro, de pé sob um grande carvalho. Piscou forte, mas a figura permanecia. Ele contraiu seus lábios; o que quer que fosse, não era fruto de sua imaginação, ainda que parecesse fantasmagórico.

Quando caminhou adiante, ele viu outra figura aparecer na névoa. A forma recente puxou uma espada e, antes de Siggard ter chance de gritar uma advertência, mergulhou-a no cavaleiro. Siggard adiantou-se, sua espada pronta, rezando que ele não tivesse que lutar. Porém, à medida que ele corria, as duas figuras desapareciam na névoa rodopiante. Finalmente ele ficou debaixo do carvalho, mas nem mesmo uma pegada sugeriu que qualquer outra pessoa tinha estado ali naquela noite.

“Se isto continuar por muito mais tempo, eu ficarei louco,” Siggard murmurou. “Eu poderia até começar a conversar comigo mesmo.”

Ele se moveu até que tivesse uma distância respeitosa entre ele mesmo e o carvalho, e então começou a juntar madeira morta. Depois de um pouco do trabalho, ele reclinou-se debaixo de um olmo antigo, assistindo à dança das chamas em sua pequena fogueira até ser levado pelo sono.



Siggard permanecia na formação de ‘parede de escudos’ em Blackmarch, observando o horizonte. O Conde Edgewulf caminhou de homem a homem, elogiando cada em sua posição e prometendo glória adiante. De sua parte, Siggard só queria ver sua família novamente. Mas ele sabia que a matança era necessária; se eles não fossem parados aqui, o inimigo poderia vagar livremente em Entsteig, espalhando terror e destruição.

Ele fechou seus olhos por um momento, visualizando Emilye e sua criança recém-nascida. O cabelo dourado da sua esposa reluzia à luz do sol na última vez que eles tinham se falado, e seus olhos de cristal tinham sido incapazes de conter as lágrimas que ela tentava esconder. Ele disse a ela que estaria tudo bem, que voltaria logo.

Nuvens de tempestade se moviam rapidamente acima, raios arqueando entre elas, seguidos por explosões de trovão. “Parece que vai chover,” o velho Banagar murmurou. Siggard fez careta ao velho, correndo seus olhos sobre os resquícios cinzas que cercavam um fraco bigode no rosto enrugado. Siggard entoou uma oração calada para que a chuva não tornasse o solo em um deserto escorregadio.

Ele estava na colina nua, um exército ao seu redor, como algo saído de uma lenda das Guerras dos Clãs Magos, com cada soldado vestindo uma brilhante cota de malha. Eles tinham tomado a terra alta, e limpavam algumas das árvores da parte inferior da colina. Quando o inimigo investisse, eles estariam completamente expostos.

“Aqui vêm eles!” Um dos vigias gritou. Siggard apertou os olhos e observou a linha da copa das árvores, procurando por qualquer sinal do inimigo. Mesmo após Conde Edgewulf os colocar em formação, ele ainda não sabia quais inimigos estaria enfrentando. De canto de olho, ele pensou ver olhos brilhantes o encarando da sombria floresta, mas quando ele olhou diretamente para eles, tudo o que viu foi escuridão.

Então a floresta começou a ferver, as próprias árvores se retorcendo e entrando em tormento. Siggard inalou agressivamente o ar quando, com um grito estridente, o inimigo surgiu de súbito da torturada floresta, o intestino do soldado agitando-se em terror.

Nenhum deles era nem mesmo remotamente humano.

Alguns eram pequenos e como cães, carregando machados e machadinhas ensangüentados. Outros eram altos, possuindo no topo de seu corpo musculoso uma cabeça de cabra, que exibia na pouca pele símbolos demoníacos pintados. E no fundo havia COISAS sombrias, afrontando qualquer descrição.

Algo o sacudiu, e uma voz disse, “Você se importaria se eu compartilhasse de seu fogo?”



Siggard se sentou, encontrando-se de volta ao lado do caminho da floresta. Uma figura encapuzada estava sobre ele, e Siggard pôde perceber um severo, porém estranhamente amável, semblante nas sombras do capuz. O fogo crepitou ao lado do homem, e no ondulado brilho das chamas e da lua minguante, Siggard notou que o homem parecia estar completamente vestido em cinza.

“Disponha,” Siggard disse. “Temo não ter nenhuma comida para oferecer.”

“Essa não é a questão,” o homem disse, abaixando-se para perto do fogo. “Eu já comi. Talvez eu possa oferecer algo a você?”

Siggard balançou a cabeça. “Eu não estou com fome.”

“Há muitos espíritos inquietos aqui fora nesta noite,” o estranho disse. “Enquanto caminhava, eu vi vários fantasmas.”

“Eu também percebi,” Siggard declarou, coçando sua barba. “Durante algum tempo, perguntei-me se tinha ido para o Inferno.”

O homem riu. “Eu posso assegurar a você, isto não é o Céu nem o Inferno. Porém, é a Noite das Almas, quando é dito que em alguns lugares os mortos que não encontraram descanso retornarão.”

“E o que os faz voltar?” Siggard perguntou.

“Alguns vêm por vingança. Alguns vêm para ver seus entes queridos novamente. E alguns, eles apenas não podem descansar. Algumas vezes é a própria terra que os devolve, lembrando a força vital que fora uma vez.”

Siggard estremeceu. “É antinatural.”

O homem riu, sua voz estranhamente musical. “Pelo contrário, é completamente natural! A vida não simplesmente cede à morte, e a alma é mais que uma idéia abstrata. Esses espíritos simplesmente seguem seu próprio caminho, sem consciência de quaisquer outros ao seu redor. Porém há seres, particularmente nas forças do Inferno, que levantam os mortos, os animando de forma que eles não possuem um espírito, mas são apenas autômatos. Creio ser sobre isso que você fala.”

Siggard sacudiu a cabeça. “Não sei se eu devia estar apavorado ou admirado pelo o que você diz.”

O estranho abaixou seu capuz, revelando olhos cintilando com vida e uma longa grenha de cabelo loiro. “Acho que ambos seriam apropriados. Existem mais coisas no Céu e no Inferno do que qualquer homem mortal poderia sonhar.”

“E como você saberia tudo isso?” Siggard perguntou.

O homem deu de ombros. “Eu sou um andarilho; vi mais do que a maioria sequer imagina. Esta é simplesmente minha natureza.”

“Você me dará seu nome?” Siggard disse.

O estranho balançou afirmativamente a cabeça. “Meu nome é Tyrael. Posso perguntar o seu nome?”

“Siggard.”

Tyrael sorriu. “Sua confiança lhe dá crédito, mas seja cuidadoso em quem você a coloca. Eu sou seguro, um viajante jurado com a luz. Mas existem outros que são jurados com a escuridão, e eles não se revelam a menos que sejam obrigados.”

Tyrael se inclinou para frente. “Diga-me, amigo Siggard, o que traz você para esta estrada, e nesta noite entre todas as outras?”

Siggard encolheu os ombros. “Eu queria saber.”

Tyrael levantou uma sobrancelha. “Eu não entendo.”

“A última coisa que me lembro é da batalha em Blackmarch. Se essa é a Noite das Almas, então aquilo seria dois dias atrás. Eu não consigo me lembrar de qualquer coisa entre alinhar-me à parede de escudos e despertar hoje à noite, mais cedo, no chão.”

Tyrael balançou a cabeça demonstrando sabedoria. “Às vezes a visão de algo é tão horrorizante que a mente a bloqueia, como se a própria alma não pudesse suportar se lembrar”.

Siggard de repente recordou das sombras estranhas atrás das linhas das árvores em Blackmarch, e se encontrou movimentando a cabeça de acordo. “Eu acho que só quero descobrir o que aconteceu em Blackmarch e ver minha esposa e filho novamente.”

Tyrael contraiu os lábios. “Eu ouvi coisas brutais sobre Blackmarch. Eu não iria lá se fosse você.”

“Eu tenho que saber o que aconteceu.”

Tyrael balançou a cabeça, e por um momento Siggard pensou poder ver uma grande tristeza nos olhos do homem. “Se você deve ir, então você deve ir. Você está a dez léguas³ ao sul de Blackmarch se seguir direto. Você pode chegar lá em uns dois dias seguindo a estrada norte.” Ele apontou de volta na direção que Siggard originalmente viera. “Se eu fosse você, porém, iria para o sul por mais uma légua, e então tomaria a bifurcação oeste. Te levaria de volta a Entsteig.”

Siggard movimentou a cabeça. “Eu considerarei seu conselho.”

Tyrael sorriu amavelmente. “Isso é tudo que se podia pedir.”

Siggard observou quando a lua minguante finalmente afundou na copa das árvores e o céu do leste começou a clarear. “Logo será o amanhecer.”

“Parece que a Noite das Almas terminou afinal,” Tyrael meditou. “Todos os mortos sem descanso agora retornam a seus sepulcros na esperança de paz.”

Siggard virou-se e se esticou, recuando por um momento quando suas costas doeram. “Eu devia começar a minha jornada; tenho uma longa caminhada à frente.”

“Possam teus pés serem rápidos e te levarem a lugares longe de perigos,” Tyrael disse, ainda próximo às chamas dançantes.

Siggard virou-se e olhou para a estrada. “Você tem a língua de um poeta, meu amigo. Eu te agradeço pelos seus bons desejos.”

Mas quando se virou, ele estava sozinho na presença da fogueira.



A névoa foi-se pela manhã, queimada pelo sol do outono. Siggard cuidadosamente sufocou o fogo, tentando assegurar que ondas de fumaça não revelassem onde ele estava. Ainda se lembrava das visões da noite prévia com medo e temor, e queria assegurar que ele não se chocasse com qualquer espírito inquieto que não respeitasse o amanhecer.

Pensando no anoitecer passado, ele ainda perguntava-se sobre o que havia visto. Ele nunca tinha sido um homem supersticioso, mas as memórias do cadáver enforcado e dos fantasmas na névoa pareciam muito reais para terem sido um vívido sonho. E então havia Tyrael.

Era o estranho um fantasma, de volta para uma conversa amigável? Ou era ele alguma outra coisa? Uma projeção de um sonho, talvez?

Siggard sacudiu a cabeça; nesse momento, isso era especulação inútil. Além do mais, ele ainda tinha que descobrir o que havia acontecido em Blackmarch.

Ele verificou que sua espada estava seguramente amarrada a seu cinto, e começou a jornada para o norte.

¹ NDT: “Demônios Primordiais” é a melhor tradução que pude encontrar para “Prime Evils”.

² NDT: “Colina do Urso”; no original, “Bear’s Hill”.

³ NDT: Uma légua equivale a, aproximadamente, 5,5Km.

2 - ENCONTROS



*Infelizmente, lamente pelas estradas abertas!
Onde uma vez havia maravilha e mistério,
Agora existe desconfiança e morte.
– Jiltarian de Khanduras, Lamentações*

Depois de somente umas duas horas de caminhada, Siggard viu-se mais uma vez afrontando a encruzilhada e a forca. Na luz de dia, o homem enforcado era pouco mais que um cadáver dissecado, com quase nenhuma carne sobrando em seus ossos cor de pérola. Os olhos que pareceram encará-lo perigosamente foram reduzidos a buracos abertos.

Siggard balançou a cabeça. Era espantoso o quão facilmente os terrores da noite desapareciam uma vez que o sol se levantava. Ele ainda estava parado no cruzamento, contudo; um caminho que levava de volta ao nordeste e outro que levava na direção ocidental. Qualquer um dos caminhos poderia virar e retorcer, parecendo ir a um lugar quando na verdade fazia o oposto.

A vida é assim, Siggard meditou. Indiferentemente, ele não tinha tempo algum, e precisava chegar a Blackmarch. Coçando sua barba, ele finalmente escolheu o caminho do nordeste, e começou a caminhar.

À medida que viajava, a floresta parecia esticar-se na eternidade. Pelo menos o caminho parecia estar consistentemente o levando para o norte; Siggard verificava a posição do sol ao que ele pensava ser cada hora, e tudo parecia estar como devia. O caminho entrelaçava-se, entretanto, e quando o sol finalmente afundou no oeste Siggard estimou ter viajado por volta de cinco léguas.

Uma vez mais, ele construiu uma fogueira do lado de fora da estrada. Enquanto assistia o cintilar das chamas, que dava à leve névoa ao seu redor um brilho misterioso, ele de repente percebeu que não estava mesmo muito faminto.

Siggard piscou. Talvez fosse a preocupação que ele tinha com seus amigos no exército, ele pensou. Indiferentemente, com quase nenhuma comida e nada com o que caçar, isso era uma bênção. Ainda, de alguma maneira as pontadas de fome teriam sido desejáveis; as estradas eram conhecidamente perigosas, e ele podia usar a vantagem em ficar alerta.

Enquanto ele assistia as chamas dançantes, tentando permanecer acordado, o sono o tomou afinal.



Siggard suou frio quando viu o exército demoníaco abordando a parede de escudos. Eles literalmente ferveram para fora das árvores, como uma aterrorizante infestação. Como se predeterminado, um raio atingiu a floresta, o estrondoso trovão ensurdecendo-o.

Por um momento, Siggard viu um pequeno faisão caminhando no chão, inconsciente dos homens na colina e dos monstros se aproximando. Ele bicou o solo, pegando uma minhoca. Então, o prêmio capturado em seu bico, o pássaro levantou vôo.

Nós somos os intrusos, Siggard pensou. Todos nós. E a natureza simplesmente não se importa.

“Bombardeio!” O vigia gritou.

Várias pedras irromperam das linhas, achatando seções inteiras da parede de escudos. Siggard assistiu em horror quando um homem tentou se livrar de debaixo de um pedregulho, a parte baixa de seu corpo totalmente esmagada em uma massa sangrenta.

Mas quando ele olhou de volta aos demônios, eles não haviam se movido. Sombras estranhas brilharam logo além das árvores, e as criaturas empinaram-se, exclamando gritos ensurdecedores.

Assim que Siggard ofereceu mais uma oração silenciosa para ver sua família só mais uma vez, começou a chover, um chuvisco a princípio, e então um temporal. Depois de apenas alguns momentos ele sentiu como se fosse encharcado até os ossos, apesar do couro pesado e da cota de malha. E, por alguma razão estranha, ele podia sentir um cheiro de fogo se extinguindo.



Siggard abriu seus olhos para descobrir uma fria chuva de outono caindo sobre ele. Sua fogueira estava extinta, as últimas chamas asfixiadas pelo aguaceiro. Ele tremeu, desejando ter um manto para se envolver. Ele possuía um, se lembrou, mas onde havia ido parar era ainda outra coisa que ele não podia responder.

Pelo menos não havia nenhum raio, refletiu. Isso significava que seguramente podia buscar abrigo na floresta.

Mas enquanto ele ainda se forçava a levantar, a chuva afinou e cessou. A luz suave do amanhecer espiava através nuvens, e um pássaro cantava ao longe.

Siggard não estava à vontade, contudo. Em toda a sua experiência, uma floresta devia cheirar fresca e mágica depois de uma chuva, mas as árvores emitiam um cheiro forte de decomposição, ao contrário. Por um momento ele lembrou-se de todas as vezes que tinha ido caçar cogumelos com sua esposa durante o início da primavera, logo antes da plantação. Eles se aventuravam na floresta, buscando sua abundância e observando enquanto as lebres e esquilos começavam a lidar com os seus negócios diários. Uma vez, eles até viram um grande cervo, mas apenas rapidamente.

Ele sacudiu a cabeça. Ainda tinha várias léguas para viajar, e só os deuses sabiam o que havia acontecido com o exército. Ele começou a andar, seguindo ainda mais o caminho para o norte, tentando se concentrar naquela tarefa.

À medida que andava, a floresta se tornava estranhamente silenciosa. Diferente das canções dos pássaros logo após a chuva, o único som que ele ouvia era o pisar de suas próprias botas na estrada terrosa.

“Eu vou ter que sair daqui,” Siggard murmurou apreensivo, apertando o passo. Como antes, o caminho retorceu e girou à medida que ele caminhava, mas sempre levando ao norte.

Finalmente, o sol começou a se pôr mais uma vez, e Siggard se retirou para o lado da estrada. Ele começou a juntar lenha, esperando que dessa vez as chamas não fossem sufocadas pela chuva.

“Com licença, meu caro senhor!” chamou uma voz. Siggard virou-se e viu um homem alto, de pele escura e com um cavanhaque por fazer, olhando-o com atenção. O estranho vestia longas e leves túnicas vermelhas, e transportava uma bolsa de viajante em suas costas. “Você se importaria se eu me juntasse a você? Eu teria muito prazer em ajudá-lo de qualquer forma que eu puder.”

“Como você sabe que eu não sou um criminoso?” Siggard perguntou.

“Se você fosse um bandido, não teria feito essa pergunta,” o estranho respondeu.

“Além disso, você tem um rosto honrado. Devemos trocar nomes?”

“Siggard de Entsteig,” Siggard disse cuidadosamente. “E você é?”

O estranho curvou-se, suas mãos juntas. “Eu sou Sarnakyle de Kehjistan, uma grande terra longe ao leste. Eu sou um dos Vizjerei.”

“Um feiticeiro?” Siggard perguntou.

Sarnakyle sorriu. “Definitivamente não um sapateiro.”

Siggard terminou de construir o buraco para a fogueira e pegou um par de varetas secas. Sem cerimônia, ele as largou no buraco. “O que o traz a esta estrada?”

Sarnakyle levantou uma mão. “Por favor, deixe-me ajudá-lo com isso.” Ele gesticulou depressa, e uma faísca saltou de sua mão para a madeira, acendendo o fogo. O feiticeiro se sentou, aquecendo suas mãos. “Eu sou um andarilho, amigo Siggard. Eu recentemente vi algumas... coisas perturbadoras, e estou tentando torná-las claras. E você?”

“Eu estou tentando achar meu caminho para Blackmarch,” Siggard declarou.

“Não acredito ter estado lá,” Sarnakyle disse. “Eu ouvi algumas coisas terríveis sobre o lugar, mas eu não o vi. Acho que irei, se você tiver minha companhia.”

“Contando que você não me atrase,” Siggard disse.

“Eu posso caminhar bastante depressa,” Sarnakyle falou, ainda sorridente.

“Além disso, você provavelmente podia usar minha ajuda.”

Siggard levantou uma sobrancelha.

“Sem ofensa, meu bom senhor, mas com a exceção de sua espada você não me parece estar vestido para a batalha. Eu sou um feiticeiro experiente.”

Siggard bufou. “Veremos.”

Sarnakyle alcançou sua bolsa e retirou alguma comida. Calado, ele ofereceu um pouco de carne seca de vaca para Siggard.

“Obrigado,” Siggard disse, pegando a oferta. Quando ele mordeu-a, porém, descobriu que ainda tinha muito pouco apetite. Ele comeu metade da porção, e então embrulhou o resto em uma folha e colocou-a em seu cinto.

“Ao que parece, você não está nem perto tão descansado quanto eu,” Sarnakyle disse. “Por favor, permita-me tomar a primeira vigia.”

Siggard estava quase recusando, mas pensou melhor no assunto. Afinal, ele realmente só tinha uma espada danificada e um pedaço de carne seca como sua propriedade no momento: nada que valesse ser roubado.



Pela primeira vez em dois dias, Siggard não sonhou com a batalha. Ele foi acordado por Sarnakyle, que o agitou e disse que nada havia acontecido. Ele assistiu o feiticeiro fazer alguns gestos no chão, e então se acomodar para dormir.

Teria que perguntar a ele o que significavam pela manhã, Siggard pensou. Ele observou a floresta, sua mente vagarosamente vagando de volta para sua fazenda, aldeia, e família. Logo, ele prometeu a si mesmo, logo ele os veria novamente.

Enquanto sua mente vagava, o céu do leste começou a iluminar, e finalmente o sol ergueu-se em toda a sua glória. Sarnakyle espreguiçou e bocejou ao lado dele, e finalmente levantou, coçando seu cavanhaque.

“Essa foi uma boa noite,” o feiticeiro falou.

“Você fez algo com suas mãos,” Siggard disse. “Foi logo antes de você ir dormir. O que era aquilo?”

Sarnakyle sorriu. “Um pouco de proteção extra. Eu armei algumas proteções mágicas mais cedo, e apenas me certifiquei de que elas ainda estavam fortes.”

“Se você pode fixar proteções mágicas, por que você precisava de mim para manter guarda?”

“A magia não é tão... poderosa como muitos pensam,” Sarnakyle disse, e por um momento Siggard pensou poder ver uma tristeza nos olhos do feiticeiro. “Às vezes um bom braço com espada pode ser tão valioso quanto cem feitiços.”

Siggard desembulhou a comida de ontem à noite e deu um par de mordidas. De alguma maneira, ele ainda não estava terrivelmente faminto. Podia ser simples preocupação; em menos de três dias, ele ouviu duas pessoas falarem sobre Blackmarch como um lugar medonho, e ele estava começando a temer o pior para o exército.

Ele embrulhou a comida novamente e examinou Sarnakyle. O feiticeiro sentado em uma pedra, avidamente tomando seu café da manhã. Bem, Siggard refletiu, pelo menos esse visitante não desapareceu com o amanhecer.

“Nós devíamos ir logo,” Siggard falou. “Eu quero estar em Blackmarch assim que possível.”

“Você devia relaxar,” Sarnakyle murmurou entre mordidas. “Blackmarch é uma localidade; não irá para lugar nenhum se nós tomarmos algumas horas extras.”

“É muito importante que eu chegue lá,” Siggard insistiu. “Eu sou um soldado do exército de Entsteig, e tenho que me reunir a meus companheiros.”

Sarnakyle piscou e parou de mastigar. Ele engoliu duro e olhou fixamente para Siggard. “Meu amigo,” ele começou, “você está em uma tola jornada. O exército de Entsteig foi aniquilado em Blackmarch por uma força demoníaca. Dizem que menos de dez homens sobreviveram à batalha.”

Siggard encontrou-se nadando em temor. Se o exército tinha sido derrotado, então o inimigo pôde espalhar destruição no interior do estado. E isso significava que sua família...

Siggard colocou-se ereto, juntando seus escassos pertences e encaixando sua espada na cintura. “Minha família está em perigo,” ele disse. “Eu tenho que ir.”

“Aquele exército de demônios estava indo à direção de Entsteig, não era?” Sarnakyle meditou. “Seria melhor eu ir com você.”

“Pode ser muito perigoso,” Siggard advertiu.

Sarnakyle puxou sua bolsa para suas costas e alisou sua túnica. “Eu tenho mais experiência com demônios que eu me importaria em ter, meu caro guerreiro. Confie em mim, você está em melhor situação comigo ao seu lado.”

“Qual é a estrada mais rápida para o oeste?” Siggard perguntou.

“Um pouco ao norte há uma encruzilhada,” Sarnakyle declarou. “O caminho ocidental nos tirará da floresta e nos colocará em Entsteig.”

Siggard balançou a cabeça positivamente. “Está na hora de nós sairmos desta floresta estúpida.”

Quando eles partiram, Siggard desejou ter asas de anjo, pois cada minuto que eles viajavam trazia os demônios para mais perto de Emilye e sua criança.

3 – REVELAÇÕES E LUTO



*Não abrace o ódio, pois ele pode criar apenas destruição.
Abrace o amor ao invés, pois aqueles que amam podem mudar o mundo.
– Gesinius de Kehjistan, Doutrinas do Zakarum*

Como Sarnakyle predissera, eles chegaram à encruzilhada no meio da manhã. Uma forca abandonada estava à margem de estrada, mas nem mesmo uma corda restava. Por um momento, Siggard perguntou-se quantos tinham morrido naquele lugar, seus espíritos retornando na Noite das Almas para caminhar sobre a Terra à procura de seus executores. Ele suprimiu um tremor, e sem nenhuma palavra começou a andar a passos largos para o caminho ocidental.

Enquanto eles caminhavam, Sarnakyle falava das maravilhas de Kehjistan, contando histórias dos grandes templos e cidades. Ele contou dos Clãs Magos do Leste, e da magia negra longe mais ao sul. Não removeu o sentimento horrível do fundo do estômago de Siggard, mas melhorou um pouco seu humor.

Para grande alívio do soldado, quando eles pararam ao pôr-do-sol as árvores tinham se escasseado consideravelmente. Siggard soltou um suspiro de alívio; uma vez que ele estivesse fora da floresta, nunca queria retornar.

Só tomou deles alguns minutos para juntar a madeira que precisavam para uma fogueira. Siggard tentou jantar um pouco mais da comida que Sarnakyle lhe dera mais cedo, mas achou que estava muito preocupado para comer.

“Você está se sentindo bem?” O feiticeiro perguntou. “Você quase não comeu nada nesses últimos dois dias.”

Siggard sacudiu a cabeça. “Como eu poderia estar com fome quando minha família pode estar em terrível perigo?”

Sarnakyle assentiu. “Eu entendo.”

Eles se deitaram para a noite, Sarnakyle primeiro preparando suas proteções com uma série abrupta de gestos e então tomando a primeira vigília. Siggard tentou dormir, mas seus sonhos estavam tomados por gritos agonizantes de pessoas morrendo e horríveis visões de Emilye sendo atormentada. Finalmente, Sarnakyle o despertou, e Siggard alegremente tomou a vigília. Os minutos se alongaram em horas, e Siggard tentou pensar sobre qualquer coisa exceto os terrores que podiam estar acontecendo com aqueles que ele amava.

Finalmente veio o amanhecer, e eles sufocaram o resto do fogo, começando o caminho novamente. A trajetória virou e retorceu, mas finalmente a estrada os levou para fora das árvores, dentro dos campos abertos de Entsteig.

Sarnakyle respirou fundo, uma enorme admiração o dominando quando ele viu os arfantes campos verdes e os escassos bosques, cada um cheio com as muitas cores do outono. “Que país bonito! Sua beleza natural põe até os grandes templos de Viz-jun na vergonha!”

Siggard balançou severamente a cabeça. “Vamos esperar que este 'país bonito' não esteja sendo infestado por demônios.”

“Você sabe o caminho para sua aldeia?” Sarnakyle perguntou.

“Uma vez que nós chegemos à Estrada do Rei¹ eu poderei conseguir minha orientação,” Siggard declarou. “Todas as estradas levam para a Estrada do Rei.”

Com isso, eles caminharam para o oeste até o sol começar a se pôr. Eles acamparam próximos a um grupo de árvores; depois de sua experiência na floresta,

Siggard não podia dar a essas árvores um nome mais abrangente do que 'bosque'. Sarnakyle quis fazer uma fogueira, mas Siggard não aceitou; os demônios podiam estar em qualquer lugar, e a última coisa que ele precisava era atrair sua atenção com um pilar de fumaça.

Dessa vez Siggard pegou o primeiro turno de vigília, um pouco mais confortável de estar em sua pátria mais uma vez. Ele despertou Sarnakyle logo após a meia-noite, e tentou dormir. Uma vez mais, seus sonhos eram problemáticos, e foi um alívio ser despertado ao amanhecer.

Por volta do meio-dia eles alcançaram a Estrada do Rei, um caminho largo pavimentado com pedras mal-acabadas. No cruzamento ficava um sinal grande de madeira, inscrito com letras simples.

“Nós temos que ir para norte,” Siggard disse. “Minha aldeia é por volta de um dia a leste de Brennor, e Brennor é mais ou menos três léguas ao norte.”

Sarnakyle sorriu. “Para Brennor vamos nós!”

Siggard balançou a cabeça. “Eu quase acho que você está apreciando isto demais.”

O feiticeiro encolheu os ombros. “Qual é a graça de visitar novos lugares se você não pode se divertir?”

“Sob quaisquer outras circunstâncias, eu concordaria com você,” Siggard disse, e começou a caminhar. Sarnakyle andou a passos largos ao lado dele, observando a frescura do ar, e comparando-a as cidades sufocantes em Kehjistan.

“Não me entenda errado,” Sarnakyle disse. “Viz-jun é uma grande e bonita cidade, e você devia visitá-la algum dia. Mas existem tantas pessoas que o ar pode ser, na melhor das hipóteses, difícil. Eu às vezes penso que o lugar ideal para viver é no campo.”

O mago de repente parou. “O que é este cheiro?” Ele comentou, cheirando o ar.

Siggard respirou fundo. Realmente, ele podia detectar um pouco de fumaça, como se algum fogo por perto tivesse sido sufocado.

“Existe alguma coisa por perto?” Sarnakyle perguntou.

“Só uma pequena aldeia,” Siggard replicou. “Pode ser o festival de colheita.”

Sarnakyle lambeu os lábios. “Isso sim é algo para esperar ansiosamente!”

À medida que caminhavam, eles se encontraram enfrentando uma subida na estrada, e atrás da colina ergueu-se um círculo de fumaça.

“Eu espero que não estejamos perdendo nada!” Sarnakyle exclamou. “Tem um bom tempo desde que eu freqüentei qualquer coisa remotamente parecida com isso!”

Mas quando eles chegaram ao topo da colina, o coração do Siggard afundou. A aldeia tinha sido incendiada, e na praça de cidade, circundada por palha de construções queimadas, situava uma pirâmide de cabeças, separadas de seus corpos e apodrecidas.



Uma investigação na aldeia não revelou vida alguma. Quando os demônios passaram por ali, eles mataram cada viva alma. Enquanto cambaleavam para fora da aldeia, atordoados por seus próprios sentimentos, Siggard e Sarnakyle viram corpos de gado, brutalizados e mutilados, em uma das fazendas locais. Siggard não teve nenhuma dúvida que os animais haviam sido sacrificados para alimentar o exército e então deixados para apodrecer; afinal, o exército demoníaco poderia mover-se mais rapidamente alimentando-se dos recursos locais do que carregando sua comida.

“Nós devíamos viajar pela noite,” Siggard disse, analisando a horrorizante pirâmide. “Com alguma sorte, os demônios não terão chegado em minha casa ainda.”

“Pressa é importante, mas não basta,” Sarnakyle afirmou. O comportamento brincalhão do mago se fora, substituído por uma determinação solene que surpreendeu Siggard. “Os demônios tentarão causar tanta destruição quanto possível, provavelmente trabalhando em um padrão circular. Se nós viajarmos diretamente para sua aldeia, devemos ser capazes de batê-los.”

“Como você sabe tudo isso?” Siggard exigiu.

“Eu sou um Vizjerei,” Sarnakyle declarou. “Um dos 'Clãs do Espírito.' Eu invoquei demônios, e eu também os combati. Eu vi essas táticas serem usadas antes por Bartuc, o Comandante de Sangue².”

“Poderia Bartuc estar por trás disso?” Siggard perguntou.

“Eu sinceramente espero que não,” Sarnakyle disse. “Eu ajudei a matá-lo. Você conhece uma rota direta daqui?”

Siggard movimentou a cabeça positivamente. “Eu acho que já estive aqui antes. Se eu estiver certo, aqui era o Desfiladeiro de Gellan, o que significa que existe um caminho em direção a minha aldeia para o nordeste.”

“Malditos Demônios,” Sarnakyle amaldiçoou. “Se ao menos eles não tivessem matado todos os cavalos.”

Eles acharam o caminho, e tinham alcançado três léguas ao pôr-do-sol, parando para a noite ao lado da estrada.

Naquela noite, embora Siggard tivesse conseguido terminar a comida que Sarnakyle tinha lhe dado dias atrás, ele não conseguia dormir. O medo deteriorava suas entranhas, e a cada minuto que passava ele desejava que viesse o amanhecer.

Enquanto o sol se levantava do leste, eles partiam novamente, Siggard caminhando ainda mais ansioso do que quando Emilye começou o seu trabalho de parto. Se ao menos ela estivesse segura, ele poderia estar feliz. Então ele poderia tirá-la de toda a loucura e levá-la para uma cidade fortificada como Brennor, onde eles estariam seguros pela eternidade.

“Nós temos a vantagem, sabe,” Sarnakyle disse enquanto eles caminhavam. “Nós só temos que nos manter em movimento; qualquer demônio que lidere este exército tem que levar milhares através da região. Nós podemos cobrir o dobro da distância que eles podem.”

“Ainda assim não importará se nós chegarmos lá tarde demais,” Siggard soltou, marchando adiante ainda mais rapidamente. Ele finalmente diminuiu a velocidade quando Sarnakyle correu ao seu lado, bufando em esforço.

Aquela noite, Siggard calculou que eles tinham coberto sete ou oito léguas, e deveriam estar na aldeia em algum momento no dia seguinte. Sarnakyle conseguiu pegar uma lebre durante a caminhada, e a cozinhou com um pouco de magia. Enquanto o feiticeiro comia com sabor, Siggard percebeu que não tinha nem um pouco de apetite, e deixou sua quota do animal quieta.

“Se você não vai comer, e você deveria,” Sarnakyle disse, lambendo seus dedos, “me conte de sua casa.”

Siggard pensou por um momento, e então começou a falar. “Nós possuímos uma fazenda, logo fora da praça da aldeia. Meu pai nos trouxe para a Colina do Urso quando eu era muito jovem, e nós ficamos muito bem.”

“Colina do Urso?”

“Minha aldeia,” Siggard esclareceu. “Eu conheci Emilye quando ambos éramos crianças, em uma das danças da aldeia. Ela era absolutamente radiante, e eu, bem, eu era um rústico fazendeiro. Mesmo assim, ela me viu, e eu a vi, e foi amor à primeira vista.”

Sarnakyle sorriu. “Deve ter sido maravilhoso.” Ele deu outra mordida no coelho.

Siggard concordou com a cabeça, e por um momento, houve uma indicação de um sorriso. “Foi. Quando nos casamos, eu prometi a ela que eu sempre a protegeria. Sempre que podíamos, nós saíamos explorando ou pegando cogumelos no campo, até mesmo quando ela estava carregando a nossa criança. Eu tentei fazê-la ir devagar, mas ela me disse que estava grávida, não frágil.”

“Que mulher.”

“Sim,” Siggard falou. “O recrutamento veio apenas umas semanas depois que minha filha nasceu. Nós nem sequer tínhamos decidido um nome. Eu disse a ela que eu estaria de volta rapidamente, e nós escolheríamos um então. É má sorte, veja, deixar uma Nomeação por mais de dois meses.”

“Eu estou certo que ela estará bem,” Sarnakyle declarou.

“Eu espero,” Siggard disse. “Por todos os deuses, eu espero.”



Eles deixaram seu acampamento antes do amanhecer, tão ávido Siggard estava para voltar a sua casa. Eles caminharam silenciosamente, Siggard tentando a cada passo se convencer que chegariam a tempo e poderiam persuadir o Chefe da Aldeia a evacuar todo mundo antes dos demônios chegarem.

À medida que eles caminhavam, Siggard tocou no cabo da sua espada, rezando para que a lâmina danificada servisse se houvesse alguma dificuldade. As memórias da batalha se tornaram algo secundário; tudo que importava era chegar até Emilye e sua filha a tempo.

Finalmente, eles passaram pela pedra gravada, marcadora para a aldeia, e Siggard suspirou em alívio. Não parecia haver qualquer dano nas fazendas periféricas, o que significava que eles provavelmente conseguiram a tempo.

No entanto, não havia nenhuma pessoa, o que era estranho para este período do ano. Era colheita, e ao menos o Chefe da Aldeia os estaria preparando para o festival. Um sentimento intranquilo começou a roer as entranhas de Siggard.

Quando eles entraram na praça de cidade, o coração do Siggard quase parou. Muitas das construções estavam queimadas, e no centro da praça jazia uma pirâmide de cabeças decapitadas.

Sarnakyle olhou a sua volta em choque. “Talvez ela conseguiu sair a tempo,” ele sugeriu. “Ela não pode ter perecido aqui.”

Siggard quase grunhiu em acordo, até que ele viu um brilho de cabelo dourado na pirâmide. Ele disse a si mesmo que tinha que ser outra pessoa, não podia ser ela. Mas quando Siggard avançou, ele viu os olhos mortos do Emilye o encarando da pilha de cabeças, seu rosto uma máscara de horror, as moscas consumindo sua carne.

Ele foi para trás, incapaz de falar. Então ele caiu na terra, deplorando-se. Tudo pelo o que ele vivia, agora havia ido. Se tivessem os demônios vindo naquele momento para tomar sua vida, ele não teria tido nem força nem motivo para defender a si próprio.

¹ NDT: “Estrada do Rei”; no original, “King’s Road”.

² NDT: “Comandante de Sangue” é a melhor tradução que pude encontrar para “Warlord of Blood”.

4 – TRAIÇÕES



*Como posso eu ficar? Vi meu próprio irmão morrer diante dos portões da minha cidade, possuído pela escuridão.
Vi tudo o que eu conheço mudado além do reconhecimento. Devo partir, pois minha alma não possui nada além de tristeza.
– Velinon, o Arquimago, As Palavras de Horazon*

Quanto tempo ele chorou em lamentação, Siggard não pôde ter certeza. Ele se colocou próximo à terrível pirâmide e soluçou até que seus olhos ficaram inchados e secos, lastimando a perda de sua esposa. Para piorar as coisas, ele não sabia se sua filha estava viva ou morta.

Completamente desgastado, ele olhou ao redor fracamente. O mundo estava lançado à luz avermelhada do sol poente. Sarnakyle se sentou em uma árvore caída, observando-o com casual interesse. Como o mago podia permanecer indiferente, Siggard não sabia.

“Nós não estamos sós,” Sarnakyle disse discretamente. “Há pelo menos três pessoas nos observando das sombras.”

Siggard engoliu e ficou agitado. “Demônios?”

“Eu não sou capaz de dizer,” Sarnakyle falou. “Eu tenho um feitiço pronto, entretanto.”

“Com sorte, nós não precisaremos disso,” Siggard declarou. Ele virou-se e gritou para as sombras que se aprofundavam. “Eu sou Siggard da Colina do Urso! Você é amigo ou inimigo?”

“Siggard, é você?” Uma voz familiar chamou. Um homem muito magro e esfarrapado pisou para fora das sombras, coçando seu rosto queimado pelo sol. Os olhos de Siggard arregalaram-se em surpresa.

“Tylwulf,” Siggard soprou. Ele virou-se para Sarnakyle. “Há sobreviventes!”

O mago sacudiu a cabeça. “Isto não parece estar certo.”

Tylwulf cambaleou para frente, e Siggard viu sangue seco cobrindo seu rosto. “Nós ouvimos que o exército foi destruído, e tememos pelo pior,” ele gaguejou. “Então os demônios vieram, e alguns de nós corremos, e...” Tylwulf quebrou-se em lágrimas.

“Minha filha, Tylwulf,” Siggard demandou, pegando na túnica rasgada do homem. “O que aconteceu com minha filha?”

Tylwulf balançou sua cabeça, quase como se ele estivesse lutando com si mesmo contra memórias horríveis. “Morta, todos mortos. Eles comeram as crianças, e mataram todas as mulheres que eles puderam. Alguns dos homens foram levados com eles.” Ele lançou um olhar na pilha de cabeças e imediatamente a evitou. “Nós tentamos não pensar sobre isto. Se nós formos bons, eles não voltarão.”

“Isso não me cheira bem...” Sarnakyle cortou a conversa.

Tylwulf olhou para o mago por um momento, seus olhos alargando-se em choque. “Um Vizjerei! Você viaja com amigos interessantes, Siggard. Este é um do Clã do Espírito.”

“Há um lugar que nós possamos ficar pela noite, Tylwulf?” Siggard perguntou. “Está ficando tarde, e eu preferiria estar em um lugar fechado hoje à noite.”

“Camillye e eu lhe proveremos,” Tylwulf declarou. “Até seu amigo pode vir. Venha, minha fazenda está intacta.”



Depois de uma curta caminhada através da aldeia despedaçada para a cabana de Tylwulf, Siggard e Sarnakyle se encontraram deixados às delicadas clemências da esposa de Tylwulf, que preparou uma refeição e pôs uma mesa hospitaleira. Mas Siggard desejou que ele pudesse ter estado aqui sob melhores circunstâncias.

Ele observou Sarnakyle cheirar um prato de carne de boi assada cautelosamente, e então começar a comer devagar, como se estivesse saboreando cada pedaço da comida. Siggard balançou a cabeça e comeu algumas mordidas, então pôs o prato de lado. Ele estava apenas muito deprimido para comer; a morte de sua família lhe pesava fortemente, uma ferida que poderia nunca curar.

“Você devia comer mais,” Tylwulf disse, rasgando avidamente a carne. “Você precisará de sua força para nos ajudar a reconstruir.”

“Temo que passará uma eternidade antes de eu ter apetite novamente,” Siggard disse. “Eu tive tantas perdas, e vi tal carnificina...” Ele balançou a cabeça.

“O que aconteceu em Blackmarch?” Camillye perguntou, jogando seu cabelo castanho-avermelhado.

“Eu não me lembro,” Siggard tristemente admitiu. “Eu lembro da parede de escudos, e então os demônios atacaram, e algo estava acontecendo na floresta. Entretanto, eu devo ter apagado e sido carregado de lá. Acordei só, em uma floresta em Aranoch dois dias depois, na Noite das Almas.” Ele piscou. “Pelo menos, eu acho que estava em Aranoch.”

“E foi lá onde você encontrou o Mago do Espírito?”

Siggard consentiu, tomando um gole de cerveja preta.

“Um conto estranho,” Tylwulf murmurou.

“Quantos sobreviveram aqui?” Siggard perguntou.

“Dez,” Tylwulf replicou. “Nós fomos capazes de nos esconder enquanto eles faziam seu trabalho. Eles mataram todos os nossos animais, então pelo menos temos carne.”

“Você enviou um aviso para Brennor?”

Tylwulf sacudiu a cabeça distraidamente e resmungou algo sobre não ter tempo, e então pediu licença. Estranhamente, Camillye deu a Siggard um olhar de “fique aí” e então saiu para um dos quartos, seu vestido esfarrapado caindo ao redor de suas pernas.

Sarnakyle inclinou-se. “Algo está muito errado aqui.”

“Qual foi sua primeira pista?” Siggard falou nervoso. “A pirâmide de cabeças? Ou que tal as construções em chamas?”

“Eu entendo que você esteja se lamentando,” Sarnakyle disse baixo. “Eu respeito isso. Porém, por favor olhe ao redor e veja o que há para ver.”

Siggard franziu a testa e olhou para os pratos de comida, desejando que ele estivesse sentado na mesa de Emilye e segurando sua criança. Mas aquilo nunca aconteceria. Ele começou a soluçar novamente, vagamente ciente de Sarnakyle se levantando e mantendo os olhos alerta na porta.

Tylwulf veio através do portal de madeira trazendo uma tocha. “Suas hospedagens estão prontas. Acredito que vocês estejam dispostos a compartilhar um quarto; nós temos apenas um sem uso.”

“Tudo bem,” Sarnakyle respondeu depressa.

Tylwulf os levou corredor abaixo para uma pequena câmara com uma cama grande. Ao lado estava uma mesa redonda com uma vela brilhante queimando lentamente. Siggard o agradeceu e sentou na cama.

“Se vocês precisarem de qualquer coisa, minha esposa e eu estamos no próximo quarto,” Tylwulf disse, fechando a porta.

“Se prepare para a batalha,” Sarnakyle disse discretamente. “Haverá deslealdade hoje à noite.”

Siggard balançou a cabeça. “Como é possível você falar isso?”

Sarnakyle suspirou. “Eu sei que é difícil, mas você deve ver claramente. Você não está fazendo as perguntas que deveria. Como eles sobreviveram quando quase ninguém mais o fez?”

“Como eu sobrevivi a Blackmarch?” Siggard replicou. “Existe tal coisa como boa sorte.”

“Próxima pergunta,” Sarnakyle começou. “Como eles sabiam que eu era um Vizjerei? E por que ele me chamou de um 'Mago do Espírito'? Através de suas jornadas com seu pai, você se tornou bem viajado, e não soube até eu te contar. Honestamente, este fazendeiro viu tanto quanto você? Ele visitou o leste?”

Siggard encolheu os ombros.

“As palavras 'Mago do Espírito' só são usados por dois grupos das pessoas, meu amigo. O primeiro é pelos outros Clãs Magos. O segundo é pelas próprias forças demoníacas. Adicione esta pergunta: onde estão os sepulcros? Você viu um único corpo ou tumba fresca?”

Um arrepio desceu pela espinha de Siggard. “O que você sugere que nós façamos?”

“Apague a vela e espere. E abstenha-se de matar aquele que nos atacar.”

Siggard assentiu, e eles silenciosamente colocaram seus travessieiros debaixo dos cobertores. Tão quieto quanto pôde, Siggard puxou sua espada e soprou a vela. Ele tomou posição a um lado da porta, enquanto Sarnakyle permaneceu no outro.

Enquanto eles esperaram na escuridão, a mente de Siggard girava com ambos esperança e medo. Talvez Sarnakyle estivesse errado, e a carnificina na praça de cidade o tivesse desequilibrado. Ainda, ao mesmo tempo, as preocupações do feiticeiro não podiam ser dispensadas. Siggard conhecia Tylwulf há anos; eles até tinham sido rivais amigáveis pela mão de Emilye. A única vez que o homem já tinha deixado a aldeia foi para ir a Brennor para suprimentos.

Sarnakyle começou a roncar. Siggard pulou alarmado e examinou o outro lado da porta, para ver os olhos do feiticeiro abertos e alertas. Ele balançou a cabeça em concordância e começou ele mesmo a fazer um som de ronco. O artifício valia a pena ser tentado.

Tão silenciosamente que ele quase não notou, a porta começou a abrir. Siggard observou quando ambos, Tylwulf e Camylle, rastejaram para a cama. Os dois fazendeiros tomaram posições nos lados opostos da cama e levantaram suas mãos. Havia um brilho de aço, e Tylwulf afundou uma adaga sobre uma das formas debaixo das cobertas, exatamente onde o coração estaria.

Com um grito de raiva, Siggard saltou para frente, seguido por Sarnakyle. Tylwulf ofegou em choque e soltou sua lâmina quando a espada de Siggard veio de encontro a sua garganta. Houve um grito assustado de Camylle, e Siggard viu Sarnakyle segurando-a firmemente pela cintura, uma adaga de sua própria pertinência no pescoço dela.

“Fale,” Siggard exigiu.

“Eles me matarão,” Tylwulf disse.

“Então eu matarei.”

“Eles vieram para nos libertar,” Tylwulf começou. “eles nos deram poder, mas nós tivemos que dar a eles todos que eram comprometidos com a luz. Nós dissemos a eles que os demônios lhes mostrariam clemência, e eles se renderam. Nem mesmo lutaram quando os demônios começaram a matá-los. Apenas permaneceram lá, incrédulos.” Tylwulf inclinou-se para frente contra a lâmina, tirando uma gota de sangue. Ele falou novamente, um clarão louco em seus olhos. “Eu especialmente gostei de assisti-los matar Emilye. Você nunca a mereceu. Então eles nos permitiram ter um pouco de seus espíritos, e nós tivemos que envolver as crianças. Um bebê recém-nascido tem um sabor espetacular, sabe, e nós não desperdiçamos um único corte de carne. Claro, eles tiveram que matar o gado de forma que pudéssemos comer. Afinal, nem sempre há pessoas por perto para banquetear...”

Siggard ofegava em horror à medida que escutava. Enquanto o traidor falava, uma fétida vileza parecia dominá-lo. Com um golpe nervoso, Siggard arrancou a cabeça de Tylwulf.

Então a ira tomou o controle. Gritando por vingança, ele puxou Camylle para longe de Sarnakyle e mergulhou a lâmina em seu peito, de novo e de novo. Então, uma vez que terminou de vê-la morrer, ele rugiu em fúria, andando rápido para fora da casa.

Oito pessoas estavam do lado de fora, todos segurando ferramentas de fazenda, e em cada olho havia uma sombria loucura. Siggard rosnou e atacou, não ligando que ele havia uma vez os chamado de amigos. O primeiro que ele matou era um fazendeiro velho da ponta ocidental da aldeia, que mal teve tempo de levantar sua enxada. Siggard o matou com um corte na garganta, deixando-o gorgolejando enquanto o sangue se espalhava em seu pescoço. Ele então se virou para uma mulher com uma faca de cozinha, espalhando seu intestino com um único golpe.

“Vingança!” Ele gritou, saltando para o lado quando o terceiro, o trabalhador de couro de aldeia, atacou. Siggard cortou a enxada pela metade com a espada, então segurou a madeira quebrada com sua mão livre, dirigindo a estaca ao rosto do homem. Ele rosnou em satisfação enquanto pedaços de cérebro atingiam a terra.

Ele sentiu uma dor penetrante em suas costas, e girou para ver uma mulher delicada, a filha do ferreiro. Ela não tinha mais que dezenove anos, ainda a florando para a mocidade. Ela segurava uma longa e ensangüentada faca em uma mão, e seu rosto trazia um sorriso demoníaco. Ele empurrou sua espada em seu coração, matando-a com um golpe.

Os últimos quatro tentaram correr, e ele gritava em fúria enquanto os matava. O último virou-se e tentou lutar, um homem gordo cujo rosto era oleoso com suor. Quando ele cortou sua cabeça, a espada quebrou pela metade, como se não pudesse mais agüentar. Ele se encontrava uma vez mais na praça de aldeia, suas mãos e roupas cobertas em sangue.

Então a ira o deixou, e ele sentiu uma combinação de horror e repugnância. Ele desmoronou no chão, vomitando tudo que havia comido nos últimos dois dias. Até quando não tinha mais nada para vomitar ele ainda regurgitava; e finalmente se sentou, tentando cuspir o gosto horrível da boca.

“Quando você fica nervoso, você não age por meias medidas, não é?” Sarnakyle disse. Siggard virou-se para ver o feiticeiro se sentando na árvore derrubada novamente, observando-o.

“Eu fiz algo monstruoso, não é?” Siggard perguntou fracamente.

Sarnakyle agitou a cabeça. “Embora isso não faça você se sentir melhor, você fez o que devia ser feito. Eu nunca vi uma possessão demoníaca terminar sem a morte do hospedeiro.”

“Eu me sinto tão vazio,” Siggard murmurou.

“Este tipo de matança faz isso,” o feiticeiro disse. “Você não estava no meio da batalha, estava sacrificando aqueles que você poderia considerar indefesos. Mas eles estavam dominados pelo mal, e não podiam voltar. Você provavelmente fez às suas almas um favor.”

“Quando eu estava em Viz-jun, eu fui chamado para investigar uma possessão. Uma criança pequena, com não mais que dois anos de idade, tinha matado seus pais. Até no coração de Kehjistan, não havia nada que pudesse ser feito. No final, eu tive que matar a criança para banir o demônio. Minha reação depois do ocorrido foi quase idêntica a sua.”

Sarnakyle se inclinou para frente. “Se você não tivesse reagido desse modo, eu me perguntaria se você era ainda humano.”

“Eu matei os traidores,” Siggard disse. “Por que não me sinto como se estivesse vingado? A vingança é na verdade este vazio?”

“Algumas vezes,” Sarnakyle disse. “Em seu caso, eu acho que você não destruiu o que você precisava destruir.”

“O que você quer dizer?”

O feiticeiro apontou para um dos corpos ao redor, sua túnica laranja-avermelhada ondulando na brisa. “Estes eram também vítimas. Estes são os efeitos da enfermidade, mas a doença ainda vive. O crime dessas pessoas era possuir fraca força de vontade em face à escuridão. A morte de sua família, e todo este horror, foram ordenados pelo arquidemônio que lidera o exército demoníaco. É ele que deve morrer.”

“Como você sabe que há um arquidemônio?” Siggard perguntou.

Sarnakyle sorriu. “Exércitos como este são liderados por um barão de Inferno. Os demônios menores não seguiriam um de seu próprio tipo. Algum poder maior precisa liderá-los.”

“Entendo,” Siggard disse. Ele levantou-se, seu propósito dando-lhe força. “Eu juro, pelo sangue de minha família, e pelas as vidas que tomei hoje, que eu encontrarei este arquidemônio e o destruirei.”

Sarnakyle balançou a cabeça de maneira severa. “É uma meta digna, meu amigo. Venha agora; nós devíamos descansar pela manhã, mas primeiro eu devia cuidar de você, e certificar que nenhum deste sangue em você é mesmo seu.”

5 – PLANOS E JORNADAS



*Arkaine falou, abrindo seu cofre de palavras,
“O destino sempre auxiliará o portador da bravura,
e quando sua causa for grande e justa.”
– A Narrativa de Arkaine*

“Você é bem sortudo,” Sarnakyle disse, colocando uma bandagem nas costas de Siggard. “Você foi ferido apenas uma vez, e foi muito superficial. Já está quase curado.”

Siggard colocou-se de pé e olhou ao redor. Por sugestão de Sarnakyle, eles voltaram para a cabana de Tylwulf, pois, dadas as palavras do fazendeiro, todos os traidores de aldeia estavam mortos. Ainda, o feiticeiro insistiu em colocar magias de vigia em torno da cabana, se por via das dúvidas houvesse um ou dois que Tylwulf não tivesse mencionado.

Siggard vestiu sua túnica, estremeando um pouco quando suas costas apertaram-se contra as bandagens de Sarnakyle. As chamas das tochas montadas na parede lançavam uma luz misteriosa e intermitente, e por um momento Siggard só queria sair e não mais voltar ao lugar.

“Será manhã logo,” Siggard disse. “Talvez umas duas horas até o amanhecer.”

“Nós devíamos descansar no tempo que temos,” Sarnakyle disse. “Mas primeiro, devíamos preparar um plano. Aonde vamos daqui?”

Siggard encolheu os ombros. “Nós encontramos o arquidemônio, e então o matamos.”

Sarnakyle sorriu, um olhar de divertimento em seu rosto. “Isso poderia simplesmente funcionar, assumindo que o exército de nosso inimigo tenha decidido deixá-lo. Se eu puder sugerir outro plano: quando nós estávamos lutando contra Bartuc, ele invadia as aldeias indefesas, cortava o suporte para as cidades muradas, e então as atacava. Me parece que este demônio fará o mesmo, tem lógica estratégica. Talvez devêssemos ir para uma cidade fortalecida, e deixar este arquidemônio vir até nós.”

“Muito bem,” Siggard concedeu. “Iremos para Brennor, então.”

“Eu farei vigília,” Sarnakyle ofereceu. “Você parece que tiraria melhor proveito do descanso que eu.”

Siggard movimentou a cabeça e entrou cansado no quarto principal. Seus olhos arregalaram-se quando ele viu sangue espalhado nas paredes, e uma estrela demoníaca pintada na janela. Ele agitou a cabeça e caminhou para a cozinha oposta ao quarto que eles tinham sido atacados.

“Pelo menos aqui eu devo conseguir dormir,” ele murmurou. Ele deitou-se no chão de madeira, completamente vestido caso viesse algum perigo esta noite, e caiu no sono.

Seus sonhos eram um redemoinho de rostos, a maioria em tormento. Ele viu as pessoas que matara, rindo dele enquanto ele as derrubava de novo e de novo. E então viu Emilye, seus lindos olhos preenchidos com angústia, como se em piedade pelo o que ele havia se tornado.

Ele se sentou, seu corpo coberto por um suor frio. Sarnakyle estava levantado sobre ele, algumas roupas frescas em seus braços. “É o meio da manhã,” o feiticeiro

disse. “Eu decidi que você devia descansar o quanto pudesse.” Ele passou o fardo para Siggard. “Experimente; elas servirão melhor em você do que estas que tem agora.”

“Onde você as conseguiu?” Siggard perguntou, examinando as roupas. Ele levantou um manto de capuz preto, que parecia proteger bem contra o frio, e calças compridas de couro. Ambos pareciam ser de um artesanato excepcional. Então ele olhou para o restante das roupas, uma túnica cinza com longas mangas que parecia ser feita de pele de ovelha.

“Eu as achei em um baú no porão,” Sarnakyle replicou. “Elas me pareceram ser muito grandes para Tylwulf ou sua esposa, então eu só posso assumir que devem ter pertencido ao pai dele.”

Quando Siggard hesitou, olhando para as roupas com suspeita, Sarnakyle adicionou: “Eu as verifiquei. Não há traços de magia nelas, boa ou ruim.”

“Você conseguiu achar alguma arma?” Siggard perguntou, alisando o manto.

Sarnakyle balançou a cabeça. “Eu sinto muito.”

Siggard assentiu. “Obrigado, meu amigo. Se você me der um momento para me vestir, nós podemos seguir nosso caminho.”



As roupas serviram em Siggard quase perfeitamente, o único problema sendo a calça ligeiramente maior. Aquela dificuldade foi facilmente vencida, entretanto, pelo cinto da espada de Siggard; a bainha vazia balançando ao seu lado.

Eles andaram a passos largos para o oeste na Estrada da Rainha¹, um caminho de paralelepípedo pelo qual Siggard lembrou-se de seu pai o levando várias vezes. O céu estava nublado, e ocasionalmente havia uma breve explosão de chuva. Foi o suficiente para que Sarnakyle parasse e tirasse um manto vermelho de sua mochila de viagem.

“Se nós formos lutar contra este arquidemônio,” o feiticeiro disse enquanto colocava o manto, “eu não desejo morrer de frio primeiro.”

Siggard deu a ele um ligeiro sorriso, e então eles começaram a caminhar novamente. Era difícil dizer o quão tarde estava o dia; o céu estava completamente coberto, e no melhor dos acontecimentos havia um breve raio de sol enquanto as nuvens se moviam rapidamente através do céu.

“Eu temo que possa haver relâmpagos,” Sarnakyle disse. “Eu posso sentir isso entrando em meus ossos.”

“Vamos esperar que possamos achar abrigo antes disso,” Siggard disse. “Se você não tivesse me deixado dormir tanto, nós poderíamos ter chegado lá ao anoitecer. Agora, provavelmente chegaremos amanhã de manhã.”

“Existe alguma estalagem na estrada?” Sarnakyle perguntou.

“Acho que há uma a meio caminho para Brennor,” Siggard respondeu. “Esta é uma boa estrada para viajantes.”

“Estranho que não tenhamos visto nenhuma ainda,” Sarnakyle meditou.

Depois de um momento, Siggard percebeu que o feiticeiro estava certo. Eles tinham viajado por horas, e a luz do dia estava enfraquecendo. Contudo eles não tinham encontrado nenhuma outra alma enquanto caminhavam.

Siggard agitou a cabeça. Esse não era um bom presságio: especialmente durante a temporada de colheita, deveria haver trânsito ao longo das estradas principais. Com tudo que tinha visto, não era uma preocupação que ele podia esquecer facilmente.

“Esperemos que a estalagem ainda esteja lá,” Siggard disse, seu estômago lentamente retorcendo em um nó. De alguma maneira, ele temia pelo pior.

Uma hora mais tarde, os temores de Siggard foram confirmados. Realmente havia uma estalagem na Estrada da Rainha, mas agora estava reduzida a material queimado.



Relâmpagos brilharam no céu que escurecia, o estrondo de trovões preenchendo o ar. Siggard e Sarnakyle puxaram seus mantos para mais perto e andaram em torno das ruínas da estalagem.

“Isto não pode ter acontecido há muito tempo atrás,” Sarnakyle disse, usando sua manga caída para apontar a um cadáver mutilado. “Estes corpos estão muito frescos, e eles não foram usados para... outros propósitos. O arquidemônio devia estar em grande pressa.”

“Brennor poderia já estar sob ataque,” Siggard murmurou.

Sarnakyle balançou a cabeça afirmativamente. “O único modo de descobirmos com certeza é indo até lá. Nós precisamos de um lugar para parar por hoje à noite, entretanto.”

Siggard sacudiu a cabeça e puxou seu capuz. “Acho que deve ter algumas tumbas ao sul, mas é tudo que há perto de Brennor.”

Sarnakyle fez uma careta. “Se é tudo que há, então é para onde nós devemos ir. Creio que eu possa nos proteger.”

Siggard começou a seguir uma pequena estrada lateral próxima à estalagem. “Venha comigo,” ele disse, gesticulando. “O cemitério é por esse caminho, se me lembro corretamente.”

“Você já se abrigou lá antes?” Sarnakyle perguntou.

Siggard sacudiu a cabeça. “Nós sempre ficamos na estalagem. Meu pai uma vez me levou para ver as tumbas, contudo. Ele quis me mostrar onde os reis antigos descansavam. Eu me lembro de algumas delas estando abertas a todo o momento. Embora tenha sido há muitos anos atrás.”

Sua caminhada se tornou uma quase-corrida quando uma chuva pesada começou a cair, encharcando-os depressa apesar de seus mantos e couros. O trovão ficou ensurdecedor, e a única coisa impedindo Siggard de correr era o medo de se perder na chuva que cegava.

Finalmente, eles chegaram a um grande aglomerado de árvores verdes e perenes. Dentro do aglomerado havia várias tumbas de terra, cobertas de grama. Por um momento, Siggard pensou poder ver vagas formas se movendo entre as tumbas, mas quando o relâmpago iluminou, pareceu ser apenas sua imaginação.

Sarnakyle sacudiu a cabeça. “Este é um lugar dos mortos. Eu não sei o quão bem-vindos nós seremos aqui.”

“Que escolha nós temos?” Siggard perguntou.

Como se por sugestão, um raio atingiu uma das árvores. Quando os galhos flamejantes caíram em terra, Sarnakyle encolheu os ombros e disse, “Pensando bem, uma tumba não pode ser tão ruim.”

“Nós temos que achar uma aberta,” Siggard gritou, suas orelhas ainda zumbindo por causa do trovão. “Haverá uma maldição sobre nós se profanarmos um sepulcro intocado.”

Siggard andou a passos largos ao redor de uma tumba, só para encontrar a porta de pedra antiga estando firmemente fechada. Um olhar para a tumba oposta revelou outra entrada selada.

Siggard de repente se sentiu sendo puxado. Ele caminhou para um dos túmulos do meio e parou. A larga boca da tumba aberta pareceu lhe dar boas-vindas, como se lá fosse onde ele pertencia.

“Sarnakyle!” Siggard chamou. “Eu achei uma!”

Siggard virou-se e viu o mago correndo, seu bastão provisório balançando em sua mão. Siggard então se virou e entrou na tumba, desconsiderando a advertência gritada por Sarnakyle.

O interior era misericordiosamente seco, e enquanto Sarnakyle o seguia, ele colocou fogo em seu bastão, fornecendo uma tocha rudimentar. Na luz intermitente, Siggard viu vários esqueletos na parede de pedra, seus ossos aleatoriamente colocados. No centro da tumba jazia um grande sarcófago de pedra, seus lados ornamentados com antigas runas e desenhos de batalha entalhados.

Algo brilhou na luz da tocha, chamando a atenção de Siggard. Ele avançou, descobrindo uma longa e brilhante espada estendida sobre o caixão. A parte superior do cabo, perpendicular à lâmina, era menor do que ele estava acostumado, e suas esferas eram grandes e ornamentadas. Na lâmina, várias runas estavam entalhadas em sua extensão, runas que pareciam se contorcer com vida na luz da tocha.

“Eu não tocaria nisso se eu fosse... em nome de Horazon!” Sarnakyle exclamou. “Esta é uma espada forjada por Velund!”

“É uma lâmina especial,” Siggard murmurou, quase não ciente de suas palavras. A espada prendeu toda a sua atenção, e ele queria mais que qualquer coisa pegá-la. À margem de sua consciência parecia que ele podia ouvir o sussurro de uma canção vindo da própria espada.

“Estas espadas foram forjadas para ser grandes aliadas,” Sarnakyle avidamente disse. “Elas escolhem seus mestres cuidadosamente, e os servem até a morte. Se ela te chamar, e você puder nomeá-la, a espada é sua.”

Siggard voltou o olhar para o feiticeiro. Os olhos de Sarnakyle quase brilharam com admiração, e então algo chamou o olhar de Siggard para outro lugar. Vários dos esqueletos tinham se movido, ou pelo menos ele pensou que tinham, e órbitas oculares vazias pareceram fitar os dois.

Siggard lentamente avançou, colocando suas mãos no couro antigo do cabo. Quando ele a tocou, a espada veio à vida, cantando para ele sobre glória e batalha. Cantou sobre exércitos de anjos e demônios, e sobre batalhas nos próprios portões do Céu. E ao longo da canção havia um único nome, um nome que Siggard só tinha que dizer uma vez, e a espada o serviria para sempre.

Siggard se virou e levantou a espada. Ao redor deles, os esqueletos mudaram, os ossos se juntando, como se eles pudessem se levantar para a luta se as palavras ditas fossem erradas.

“Você sabe o nome da espada?” Sarnakyle perguntou.

Siggard movimentou a cabeça e gritou com todo ar de seus pulmões. “Guthbreoht!”

Com um ruído, os ossos caíram de volta para a terra, os crânios não mais encarando os dois viajantes. Sarnakyle deu um suspiro admirado.

“Eles eram os guardiões da espada,” o feiticeiro disse, assistindo o último esqueleto vir abaixo e se virar. “Tivesse você dito o nome errado...” Ele estremeceu.

Siggard embainhou Guthbreoht. “A espada tem um novo guardião agora.” Ele de repente olhou para a entrada, escutando. A chuva havia parado, e o manto da noite foi quebrado por uma breve canção de pássaro e o cricrilar de grilos.

“Eu me pergunto há quanto tempo você tem sido atraído até aqui,” Sarnakyle murmurou.

“A tempestade acabou,” Siggard disse.

Sarnakyle assentiu. “Vamos descansar de fora, meu amigo. Este lugar me trouxe muito mais perto do submundo do que eu já desejei estar.”

Siggard movimentou a cabeça, e eles deixaram a tumba. Por um momento, Siggard sentiu algo que o observava partir, mas quando ele se virou, na tumba não havia nada além de sombras.

¹NDT: “Estrada da Rainha”; no original, “Queen’s Road”.

6 – CHEGADAS E INFORTÚNIOS



Tenha afeição por toda a Humanidade, pois o Homem possui tanto do divino quanto os próprios Arcanjos. Mas diferentemente dos espíritos Celestes, o Homem deve superar suas fraquezas, e a principal entre elas é o orgulho.

– As Sagradas Escrituras do Zakarum

Eles passaram a noite dormindo sob as estrelas, Siggard segurando Guthbreoht em suas mãos enquanto dormia. A espada cantou para ele, e durante sua canção, Siggard sonhou.

Ele estava novamente na parede de escudos em Blackmarch, assistindo ao exército demoníaco atravessar a fronteira do final das árvores. Pedras gigantes quebravam nas linhas de combate, esmagando grupos inteiros de soldados. Ainda assim eles se mantinham de pé, os homens-de-lança gritando insultos aos demônios.

O velho Banagar sorriu. “É assim que batalhas deveriam ser!”

“Eu preferiria estar em casa!” Siggard gritou, levantando seu escudo quando as flechas começaram a voar. As coisas-cabra estavam atrás do exército, segurando grandes arcos em suas mãos. Cada vez que eles disparavam, um soldado caía gritando em agonia.

As criaturas menores que se pareciam com cachorros e várias das criaturas-cabra avançaram, segurando rudimentares machados e porretes. Eles colidiram contra a parede de escudos, e as linhas de frente se tornaram uma luta pela sobrevivência. Siggard cortou um demônio-cabra com sua espada, a força do golpe quase o desequilibrando. Algo pareceu estranho a respeito da espada, entretanto, como se aquela não fosse a qual ele devesse possuir...

A confusão cessou, deixando a parede de escudos intacta. Antes das linhas de frente jaziam uma pilha de corpos, alguns humanos, a maioria monstruosa. Pela primeira vez desde que o inimigo saíra para o campo, Siggard sentiu esperança. Agora que a maior parte da força demoníaca estava a céu aberto, ele viu que Entsteig tinha a vantagem numérica. Mais demônios saíram das árvores, mas eles estavam numericamente superados em cinco vezes.

Uma vez mais eles avançaram, este ataque ainda mais furioso que o último. Siggard se achou quase sem capacidade de pensar, sendo mantido vivo apenas pelos seus reflexos. Quando uma criatura veio sobre dele, ele ergueu seu escudo, o golpe de um machado quase o derrubando. Seu contra-ataque pegou a criatura na barriga, e o monstro virou-se e tombou, gritando em angústia. Quando ele caiu, outro tomou seu lugar, e o golpe de Siggard quase arrancou a cabeça da criatura. O monstro caiu para trás em um jato de sangue, um pedaço de pele sendo a única coisa prendendo a cabeça ao pescoço.

“Eu acho que nós podemos ganhar esta batalha!” Banagar gritou em triunfo, levantando seu escudo para zombar do inimigo.

Com um feroz sussurro, as sombras na linha das árvores se separaram, e um monstro horroroso andou a passos largos no campo aberto. Vários dos arqueiros entsteiguianos soltaram suas flechas na criatura, mas as setas rebateram inofensivamente no musculoso e avermelhado peito da terrível coisa.

Siggard ofegou. O demônio era um gigante, facilmente cobrindo com sua sombra as criaturas-cabra que os estavam atacando. Seus olhos brilhavam em vermelho-claro, e chifres protraíam de seus ombros, cotovelos, e joelhos. Ele vestia apenas uma tanga primitiva e um cinto, e carregava uma espada gigante. Em seu tórax estava um estranho símbolo como brasão, e Siggard não podia dizer se era uma tatuagem ou algo que a criatura vestia.

“Eu sou o favorito do Senhor de Terror!” A criatura rugiu, tremendo o chão. “Vocês soltarão suas armas e irão se submeter a mim, ou todos morrerão!”

Uma voz, fraca em comparação com a do demônio, mas ainda orgulhosa, gritou. “Nós nunca nos renderemos à escuridão. Volte para o submundo e não mais nos aborreça!”

Siggard piscou, de repente reconhecendo a voz. Era o próprio Príncipe Hrothwulf, o herdeiro de Entsteig, um homem amado pelo reino inteiro. Ele não tinha percebido que o rei enviara seu filho com este exército, e por um momento ele perguntou-se se tinha sido uma boa idéia.

O demônio sorriu, e naquele sorriso Siggard viu mais malícia do que ele havia vivenciado em uma vida inteira. “Então todos vocês morrerão!”

O monstro caminhou de volta para as árvores, e as coisas sombrias se moveram novamente, cobrindo sua saída. Houve um momento de silêncio, enquanto Siggard e o resto do exército perguntavam-se o que viria a seguir.

“Eles estão atrás de nós!” Veio um grito surpreso da parte traseira da linha. Siggard virou-se para ver vários soldados caírem, aparentemente do nada. Porém, o sangue derramado era real. Então uma criatura se materializou, segurando uma longa faca dentada, bem no meio da parede de escudos.

A confusão reinou, e naquele momento os demônios atacaram. Agora, eles atravessaram a parede de escudos, e Siggard se encontrou preso em um mar de inimigos. Ele lutou como um louco, derrubando várias criaturas; mas ainda havia mais, e a linha estava quebrada.

Houve um grito gorgolejante de Banagar, e Siggard virou-se para enfrentar outro dos demônios que se materializavam. Com um grande golpe, ele rachou a cabeça da criatura; porém vieram mais, e Siggard se viu tão apertado entre os homens, que não podia se mover.

Naquele momento, o completo pânico tomou o controle.



Ele acordou em um salto, assustado, e viu Sarnakyle permanecendo na vigília. O feiticeiro tinha coberto um dos galhos da árvore com seu manto úmido, e parecia estar esperando que terminasse de secar. O sol matutino ainda estava perto do horizonte, emitindo um calor agradável temperado por uma brisa leve.

“É um bom dia para estar vivo, meu amigo!” Sarnakyle disse, gesticulando para o céu claro. “Este promete ser um grande dia.”

Siggard colocou-se de pé e espreguiçou. “Eu só espero que as pessoas de Brennor concordem com você.”

Sarnakyle avançou, um pedaço de carne em sua mão. “Fui capaz de pegar uma lebre ontem à noite. Era uma criatura destemida; quase caminhou direto até mim.”

Siggard pegou o ofertado com um aceno com a cabeça e comeu um pequeno pedaço. Então, colocou o resto de lado.

“Você realmente devia comer mais,” Sarnakyle disse. “Isto não pode ser saudável.”

“Eu descobri há apenas dois dias atrás que minha família estava morta,” Siggard protestou. “Como você pode esperar que eu esteja com fome?”

“Se você não comer, não terá a força para encontrar o oponente, e você pode acabar se juntando a sua família antes de poder reivindicar sua vingança,” Sarnakyle repreendeu. “Não suje a memória de sua família morrendo desnecessariamente.”

Siggard cedeu ao argumento e terminou a comida, embora ele não tivesse nenhum apetite para isso. Todavia, ela pareceu estabilizar em seu estômago, então ele virou sua mente para outras coisas.

Ele levantou-se e caminhou para a borda da clareira, vigiando os túmulos. Na luz da manhã, eles pareciam velhos e decrepitos, como se fossem meramente tumbas velhas que logo seriam esquecidas. Talvez um dia elas desapareceria na terra, e estariam no caminho de viajantes que as confundiriam com pequenas colinas.

Tal é o modo de coisas, Siggard pensou. Todas as coisas devem ser esquecidas no fim.

“Nós devíamos ir,” Sarnakyle disse atrás dele. “A estrada aberta aguarda.”

Siggard concordou com a cabeça, virando-se das tumbas. De alguma maneira, ele sabia que nunca as veria novamente em sua vida. Ele colocou seu manto, e juntou-se ao feiticeiro enquanto eles se aventuravam na direção da Estrada da Rainha.



Por volta de meio-dia eles finalmente chegaram em Brennor, e como todas as outras vezes que tinha estado lá, Siggard se sentiu subjugado. A cidade era enorme, cercada por uma grande parede de pedra que parecia ser impenetrável.

Eles permaneceram no portão, assistindo o guarda permitir um punhado de viajantes adentrarem o muro. Os guardas eram impressionantes, suas túnicas azul-marinho e suas cotas-de-malha brilhantes pondo o exército inteiro de Entsteig na vergonha.

“Então esta é sua idéia de uma cidade,” Sarnakyle meditou. “Estranha. Eu gosto, contudo.”

“Certamente você não pode achá-la pequena,” Siggard ridicularizou. “Esta é umas das maiores cidades dessas terras.”

“Em Kehjistan, existem povoados maiores que este,” Sarnakyle disse. “Mas lá é Kehjistan, e aqui é Entsteig. Os padrões são diferentes.”

“Vamos entrar e ver o conde,” Siggard suspirou. Ele não queria fazer o feiticeiro começar outra longa história sobre as maravilhas de sua pátria.

Sarnakyle levantou a mão por um momento. “Você viu o quão facilmente uma presença demoníaca pode espreitar em uma forma humana. Nós devemos ser cautelosos, e conte apenas ao conde o que nós sabemos.”

Siggard concordou com a cabeça. “Ou o inimigo pode saber nossos segredos. Não se preocupe; eu entendo.”

Quando eles se aproximaram do portão, os dois guardas abaixaram suas lanças para bloquear o caminho. “Digam seus nomes e negócios a tratar.”

“Siggard da Colina do Urso, e Sarnakyle de Kehjistan,” Siggard replicou. “Nós estamos aqui para ficar pela noite, e então irmos para o sul na Estrada do Rei.”

“Por que estão indo para o sul?”

Siggard apertou os lábios, então falou. “Meu amigo e eu estamos visitando alguns de meus parentes na Passagem de Gellan.”

O bigode do primeiro guarda se eriçou. “Você pode ter alguma dificuldade. Nós não tivemos uma única palavra do sul desde logo depois do ocorrido em Blackmarch. Passe e seja reconhecido.”

Eles entraram na cidade, imediatamente atacados por uma coleção de visões e odores à medida que seguiam por uma das estreitas e sinuosas ruas. As construções de pedras em bloco subiam altas acima deles, e várias vezes eles tiveram que evitar chuvas de excremento fétido quando alguém esvaziava um penico.

“Eu suponho que algumas pessoas apreciam viver assim,” Siggard murmurou, tirando um pouco de lama de seu manto, jogada por um cavalo que passou rápido.

“Pessoas gostam de morar juntas,” Sarnakyle disse. “E em uma cidade ou grande centro urbano você pode achar artesãos, artífices, todo aquele comércio que não pode florescer em uma aldeia.”

“Arte para esqualidez,” Siggard disse. “Eu me pergunto se o comércio vale a pena.”

Sarnakyle sorriu. “Quando você vier para o leste comigo um dia, meu amigo, você verá como é. Agora, você sabe qualquer coisa desse conde?”

“Eu servi sob o comando do Conde de Brennor em Blackmarch, mas eu não sei se ele sobreviveu,” Siggard respondeu.

“Provavelmente podemos assumir que ele não o fez,” Sarnakyle disse. “Eu não ouvi falar de nenhum dos líderes sobreviverem na batalha, e se houvesse algum, os bardos teriam falado dele em suas canções. Ele tem um filho?”

Siggard balançou afirmativamente a cabeça. “Tilgar. O conde Edgewulf é um bom homem, que sabe quando e como escutar. Eu não conheci seu filho, entretanto. Eu ouvi que Tilgar é valente, mas nada mais.”

“Devemos torcer para que ele seja igual ao pai,” Sarnakyle declarou.



Quando eles chegaram ao castelo de pedra que alojava a cadeira do Conde de Brennor, a eles foi mostrada uma pequena câmara de audiências. Lá eles esperaram, Sarnakyle olhando de perto as tapeçarias na parede enquanto Siggard se sentava em uma das três cadeiras que tinham sido fornecidas.

“Isto é interessante,” Sarnakyle disse, apontando a uma das figuras. “Esta mostra uma batalha entre o Céu e o Inferno. Eu não achava que aquela mitologia tinha se espalhado para tão longe.”

Siggard piscou. “Nós sempre acreditamos no Céu e Inferno. Nós podemos até ter aprendido sobre isso primeiro.”

Sarnakyle riu. “Você deve estar de brincadeira! Nenhum aprendizado poderia se equiparar à grandeza de Kehjistan!”

A porta abriu, e um homem rotundo com uma grossa barba cinza entrou. Siggard olhou para ele de perto, mas não era o Conde Edgewulf. Ainda, o homem parecia muito velho para ser o filho do conde.

“Eu sou Hunfrith, o criado de Brennor,” o homem disse. “Por favor, acomodem-se. Eu entendo que vocês solicitam uma audiência urgente com sua senhoria, Conde Tilgar.”

Sarnakyle movimentou a cabeça e se sentou “É de importância extrema.”

Siggard piscou. “Não é o Conde Edgewulf?”

Hunfrith agitou sua cabeça tristemente. “Sua senhoria foi morta na batalha de Blackmarch. Conde Tilgar agora possui o trono de Brennor.”

“Nossas condolências,” Sarnakyle disse. “Mas nós realmente devemos ver sua senhoria agora.”

“Mas, sobre o que se trata?” Hunfrith perguntou, inclinando para frente.

“Seria melhor se sua senhoria ouvisse primeiro,” Siggard disse.

“Entenda minha posição aqui,” Hunfrith disse. “Você está pedindo para ver sua senhoria, que é um homem muito ocupado. Não apenas há agora uma escassez de comida, devido à falta de comércio mercante, mas o filho do rei, Príncipe Hrothwulf, foi morto com o velho conde em Blackmarch, numa batalha que nós não temos nenhum informe confiável. Isso significa que não há mais um sucessor para o trono, e agora que sua majestade tem ficado doente, todos os proprietários de terra que têm filhas para casar estão tentando solidificar seu poder. Por tudo que eu sei, você dois poderiam ser assassinos, ou na melhor das hipóteses poderiam ter notícias de importância secundária. Então eu preciso saber se vale a pena.”

Siggard decidiu tomar o risco. “Há um exército de demônios invadindo as terras ao redor de Brennor. Minha própria aldeia foi atacada e destruída, e do mesmo modo a maior parte dos povoados em torno da cidade. É por isso que nenhum comerciante tem vindo com mercadorias de colheita.”

“A estratégia deles será cortar o abastecimento de vocês e então atacar a cidade,” Sarnakyle relutantemente adicionou. “Eu vi isso antes em Kehjistan. E pelo o que você me falou, eles já tiveram sucesso.”

Hunfrith olhou para eles incredulamente. “Vocês esperam honestamente que eu acredite nisso?” Ele exigiu. “Um exército de demônios? Eu esperava que fosse um novo rumor; eu acho que eu preferia as histórias de goblins e um dragão. Isso deve ser algum tipo de piada ridícula.”

“Não é nenhuma piada,” Siggard afirmou. “Eu estava em Blackmarch, e vi o que nos enfrentou. Nós não estávamos lutando contra homens, mas contra as criaturas mais sujas de Inferno.”

“Você estava em Blackmarch,” Hunfrith disse.

Siggard movimentou a cabeça, confirmando.

“E como você sobreviveu à batalha, posso perguntar?”

Siggard encolheu os ombros. “Eu não lembro. Eu só me recordo da formação da parede de escudos se romper, e então eu estava na floresta com um galo gigante em minha cabeça. Eu perdi dois dias.”

“Isso me soa como se você fosse um desertor tentando encobrir sua covardia com contos de fantasmas e goblins,” Hunfrith declarou.

“Siggard não é nenhum desertor, e nós temos notícias importantes,” Sarnakyle disse impacientemente. “Você pode cair sob ataque a qualquer noite agora. Você vai carinhosamente nos deixar passar?”

Hunfrith levantou-se. “Absolutamente não!” Ele berrou. “Vocês são sortudos por eu não ordená-los à força por covardia! Agora saia de minha vista antes que eu mude de idéia!”

Siggard agitou a cabeça e levantou furiosamente, virando-se para Hunfrith. “Isso não acabou.”

O criado sorriu fino. “Devo fazer os guardas escoltarem vocês para fora?”

“Nós sabemos o caminho,” Sarnakyle disse amargamente. Com isso, eles viraram seus calcanhares e partiram.



Eles encontraram uma estalagem apropriada logo antes do pôr-do-sol. As acomodações eram no máximo aceitáveis, e era a melhor que eles haviam visto no lado norte de cidade. Pelo menos não tentaram hostilizá-los enquanto eles comiam.

“Nós teremos que tentar novamente amanhã de manhã,” Sarnakyle disse, tomando um pouco da sopa rala de vegetais. “Se esta cidade não estiver preparada, o arquidemônio simplesmente caminhará por ela.”

“Nós precisaremos de um jeito para passar pelo criado,” Siggard disse, ignorando sua própria sopa e desejando loucamente um pouco do guisado de ovelha delicioso de Emilye. O simples pensamento dela trouxe uma lágrima a seu olho, e quando ele a enxugou teve que colocar seus pensamentos de volta aos assuntos mais imediatos.

“Talvez nós possamos entregar algo,” Sarnakyle sugeriu. “Há alguma coisa que o castelo está em necessidade desesperada, além de um novo criado?”

Siggard encolheu os ombros e levantou-se. “Eu tenho que pegar um pouco de ar fresco.”

“Um momento,” Sarnakyle disse. “Eu estou quase terminado.” Ele tomou o resto de sua sopa, deixou uma pequena moeda de prata na mesa, e juntou-se a Siggard.

Na rua, Siggard respirou fundo, mas o ar não era tão fresco quanto ele esperava. Sarnakyle se debruçou contra a parede de pedra cinza de estalagem, e juntos eles assistiram umas poucas pessoas da cidade passarem, algumas olhando como se tivessem algum tipo de direção, outras parecendo ser almas perdidas.

“Você se lembra de alguma coisa sobre o arquidemônio que você combateu?” Sarnakyle perguntou. “Qualquer coisa poderia ajudar.”

“Muitos chifres,” Siggard respondeu.

“A maioria dos demônios maiores tem muitos chifres,” Sarnakyle disse. “Eu não tenho dúvidas de que os próprios Demônios Primordiais devem se parecer com bolas de espinhos. Qualquer outra coisa?”

Siggard pensou por um momento. “Havia um símbolo em seu peito. Embora eu não consiga me lembrar o que era.”

“Um glifo,” Sarnakyle disse. “Essa pode ser uma notícia muito má. Isso significa que o arquidemônio é encantado de alguma... sente cheiro de fumaça?”

Siggard inalou fundo. Realmente, um fedor acre agora enchia o ar. Ele olhou ao redor e viu um grande pilar de fumaça que subia do lado leste de cidade.

Siggard foi tomado pela apreensão. Parte de Brennor estava queimando, e não havia nenhum pensamento sobre ser um acidente; seguramente o ataque demoníaco tinha começado.

7 – INCÊNDIOS E DEMÔNIOS



O que é coragem? Aqueles que lutam em uma causa sem esperança são corajosos, pois morrem por suas convicções? São corajosos aqueles que correm da morte, pois é mais fácil morrer que viver? Ou é coragem, ao invés, colocar o medo de lado para fazer o que é necessário, seja para viver ou morrer?

– Godfrey de Westmarch, *Perguntas*

Siggard e Sarnakyle trotaram pelas ruas de Brennor, correndo desesperadamente para o leste onde o fogo queimava. Enquanto corria, Siggard procurou em sua memória pelo o que havia naquela seção da cidade, das poucas vezes que ele a tinha visitado com seu pai ou esposa.

Havia a entrada de serviço para o castelo, junto com o principal quartel e arsenal...

Um arrepio frio começou a descer pelas costas de Siggard. Se os demônios destruíssem o arsenal, a cidade estaria perdida. Brennor já tinha sido cortada de qualquer novo suprimento.

Ele pestanejou e deslizou ao parar. Eles estavam de frente a um beco sem saída, terminando em uma pequena loja que vendia cestos de vime. A loja estava fechada para a noite, e um aviso de madeira pendurado na porta de carvalho informava a todos que pudessem ler que estaria aberta na próxima manhã.

Eles giraram e correram na direção de uma travessa. “Este lugar é um labirinto,” Sarnakyle falou. “Suas pessoas não planejam suas cidades com cuidado, de forma que seja fácil chegar de um lugar ao outro?”

Siggard ofegou e balançou a cabeça. “A maioria das cidades simplesmente crescem em Entsteig. As pessoas acham um bom lugar e vivem lá. Ouvei que a capital é até mais parecida com um labirinto do que Brennor. Havia um retorno para a esquerda ali. Se nós o pegarmos, devemos ser capazes de achar nosso caminho.”

Suas vestes e manto batendo, Sarnakyle gritou, “Certo!”

Eles percorreram seu caminho depressa pelo labirinto de ruas e ruelas, passando rápido por várias damas da noite que quase não tiveram tempo para gritar suas mercadorias quando os dois passaram. Após várias viradas, sempre mantendo a nuvem de fumaça em vista, eles quase colidiram com uma brigada de fogo.

“Maldição,” Siggard murmurou. “Começou.”

Siggard e Sarnakyle diminuíram a velocidade para descer pela travessa, passando pelos guardas. Um deles virou e gritou para eles pararem, mas os dois o ignoraram.

A rua terminava em uma praça pequena, onde Siggard viu vários soldados juntos em um círculo, desesperadamente lutando por suas vidas. Eles estavam cercados por criaturas parecidas com sapos que eram estranhamente indistintas, como se elas estivessem e ao mesmo tempo não estivessem aqui. Atrás da batalha estavam as paredes de pedra do quartel, fogo sendo expelido de cada janela para aquecer o ar.

Siggard sentiu a ira começar a tomar o controle, e desembainhou Guthbreoht. A canção da espada encheu seu ser, dando combustível a sua fúria, e ele pronunciou alto um antigo grito da batalha cujas palavras eram mais velhas que o próprio mundo.

Ele avançou rápido para a batalha, cortando uma das coisas demoníacas com tal força que o monstro foi fatiado pela metade. Sua espada cantou em exaltação quando ele se virou para o próximo demônio, rapidamente derramando suas entranhas sobre a rua de pedras. Se alguém tivesse assistido, estaria se perguntado se ele portava a espada, ou o contrário.

Ele ouviu um grito de Sarnakyle, e um raio de fogo bateu atrás dele. Ele se afastou do calor para ver um dos demônios cambaleando para trás, seu corpo uma tocha viva. Com uma batida rápida Siggard o perfurou, e virou-se novamente quase não evitando uma estocada de outro demônio. As garras da coisa passaram por ele arranhando, e o golpe de Siggard dividiu a espinha do monstro.

Ele viu os soldados avançando em formação de uma parede de escudos. Seu ataque frenético distraiu pelo menos metade dos demônios, dando aos soldados chance de reagrupar. Dois dos monstros caíram pelo balançar das lâminas dos soldados, mas a empreitada não aconteceu sem um custo. Um dos guardas caiu, agarrando sua garganta aberta enquanto seu sangue espirrava em um jato escarlate para manchar o chão de carmesim.

Siggard começou a fazer seu caminho para a formação, de repente percebendo que se ele não se juntasse aos outros soldados, ele poderia ser cercado e morto. Mais duas criaturas caíram por sua espada, a canção de Guthbreoht ficando mais forte com cada vida demoníaca que levava.

Logo antes de alcançar a parede de escudos que avançava, ele sentiu uma presença maligna atrás dele. Inverteu seu punho e golpeou, sentindo a espada passar por carne e osso, mas quando se virou viu que o aço havia atingido o próprio ar. Um sangue grosso começou a correr pela lâmina, e uma das criaturas começou lentamente a aparecer, Guthbreoht trespassada em seu pescoço. Siggard girou a espada para o ar, arrancando a cabeça do demônio.

E então a parede de escudos progrediu e o acolheu, e ele tomou seu lugar na frente. Os soldados continuaram a avançar, cortando cada demônio em seu caminho. Com Siggard em sua linha eles se tornaram implacáveis, sua espada destruindo um monstro com cada golpe.

Vários relâmpagos caíram do céu, matando o último dos demônios. Siggard virou-se e viu Sarnakyle quase cambaleante de esforço, seu rosto uma máscara suada. O feiticeiro estava virado para os céus, e onde ele apontava uma pequena nuvem havia se formado. Finalmente, Sarnakyle abaixou sua mão, a nuvem de trovões acima desaparecendo em uma névoa azulada.

Mesmo enquanto os bombeiros passavam apressados por eles, o capitão da guarda, um grande e bigodudo homem meio manco, foi até Siggard. “Senhor, eu o agradeço. Se não tivesse sido por você, eles teriam nos destruído e queimado totalmente o arsenal.”

“O arsenal estando seguro,” Siggard disse, sentindo-se exausto quando a adrenalina deixou seu sistema circulatório. Ele avançou sobre um dos soldados mortos e disse uma curta oração, então enxugou sua espada na túnica do corpo. Ele não sabia se sangue enferrujaria uma lâmina forjada por Velund, mas ele não queria correr nenhum risco. Estranhamente, a borda da espada não estava nem um pouco amassada, como se ele tivesse cortado pano no lugar de carne e osso. Ele embainhou Guthbreoht e sentou em um banco de madeira na margem da praça, assistindo enquanto a brigada de incêndio se formava e jogava água nas chamas onduladas.

Sarnakyle se aproximou e sentou ao lado dele. “Dado o céu claro, eu não sabia se aquele feitiço de raio funcionaria. Estou contente que funcionou.”

Siggard bateu levemente nas costas do feiticeiro. “Você fez bem, meu amigo.”

“Você acha que o criado nos permitirá ver o conde agora?”

Siggard levantou a cabeça e inspecionou a praça. Os bombeiros continuavam a despejar balde após balde nas chamas nascentes e sufocando a fumaça. “Eles não poderão apagar, não é?” Siggard meditou, franzindo o nariz pelo cheiro acre.

Sarnakyle sacudiu a cabeça. “Já é muito tarde. Eu só espero que ninguém tenha ficado preso do lado de dentro.”

“Nós devíamos ajudar.”

“Provavelmente.”

“Só um momento.”

“Sim,” o mago concordou, enxugando o suor de sua sobrancelha. “Uma vez que estejamos descansados.”

Mais duas pessoas entraram na praça, ambas vestindo túnicas de escritório e mantos ricos. Uma, uma figura alta de barba vermelha, com uma maça ornamental ao seu lado. A outra era menor e redonda. Eles conversaram com o capitão da guarda por um momento, que apontava primeiro para os vários corpos monstruosos caídos ao chão e então para Siggard e Sarnakyle. Eles falaram algumas palavras mais, então os dois recém-chegados andaram a passos largos para o cansado par.

Siggard suspirou em frustração quando percebeu que um dos homens era Hunfrith. Ele não reconheceu o segundo homem, entretanto. Quando eles se aproximaram, Siggard ficou de pé, Sarnakyle seguindo sua liderança.

“Estes são os homens que buscaram uma audiência comigo hoje mais cedo?” O homem estranho perguntou a Hunfrith.

O criado acenou com a cabeça em concordância, e Siggard percebeu quem o homem alto era.

“É uma honra encontrar você, vossa senhoria,” Siggard disse, curvando-se. “Siggard da Colina do Urso e Sarnakyle de Kehjistan, à sua disposição.”

“Pelo o que Capitão Hagan me disse, eu devo a vocês dois várias dívidas de gratidão,” Conde Tilgar falou. “Vocês podem ter salvado nossa cidade. Vocês podem ter vários anéis que desejem de meu tesouro”

“Nós temos assuntos mais importantes,” Sarnakyle declarou. “Esta cidade pode estar sob ataque de um demônio poderoso dentro de uma questão de dias. Nós solicitamos uma audiência de forma que possamos dizer-lhe o que sabemos.”

Tilgar assentiu. “Eu os verei ao meio-dia amanhã. Venham para meu castelo, diga aos guardas seus nomes, e eles trarão vocês até mim. Hunfrith cuidará de quaisquer preparativos. Se vocês me dão licença, há várias coisas que eu devo fazer agora.”

Siggard e Sarnakyle curvaram-se enquanto o conde virava-se e caminhava de volta para o capitão da guarda. Hunfrith ficou e apertou suas mãos com apreensão.

“Eu acredito que devo a vocês dois uma grave desculpa,” o criado disse. “Por favor me perdoem. Nós ouvimos muitas histórias estranhas sobre as mortes do velho conde e do príncipe, e é fácil parecer suspeito.”

“Eu entendo,” Siggard disse. “Eu também testemunhei muitas coisas que não teria acreditado há um ano atrás.”

“Eu verei vocês dois amanhã então,” Hunfrith disse, curvando-se. “Seria de bom decoro vestirem-se o seu melhor. O conde é um primo real, e há assuntos políticos para se estar ciente.”

Com isto, Hunfrith retornou ao conde. Sarnakyle deu de ombros para Siggard, e os dois andaram a passos largos de volta pelas ruas sinuosas para a estalagem. Quando eles chegaram em seu quarto, Siggard removeu seu manto, espada e túnica, caiu sobre a cama, e dentro de momentos estava em um abençoado sono sem sonhos.

8 – AVISOS



É possível ter liberdade, e é possível ter paz.

É raro ter ambos.

– Dil'Gerran de Kehjistan, *Ditos dos Homens do Norte*

Siggard estava de pé no estalar do amanhecer. Ele levantou-se da cama e abriu as cortinas para assistir a cidade vir à vida. Primeiro os comerciantes começaram a abrir suas lojas, e então os aprendizes vieram para fora, comprando os artigos que seus mestres precisariam para lidar com seus negócios, limpando as janelas, e preparando os itens para exibição.

Os mascates de rua chegaram em seguida, competindo por lugar para garantir a passagem. Depois deles vieram os serviçais das casas dos nobres menores da cidade, e as ruas se encheram com os sons de vendedores gritando sua mercadoria.

Das poucas viagens de Siggard para Brennor, ele sabia que isso era apenas a superfície. Por dentro, os ferreiros começariam a forjar ferro e aço, e os fabricantes de lâminas preparariam novas armas e armaduras para a guarda da cidade. Havia também inventores que mesmo agora estariam desenhando novas ilustrações em seus manuscritos, artesãos criando tapeçarias, bardos compondo a próxima saga de Arkaine, e uma variedade de outros artistas e mestres artífices provendo seus ofícios.

De repente, Siggard percebeu que não era somente uma cidade fortificada que provia o equilíbrio, era uma civilização inteira.

Ele foi embora da janela e viu Sarnakyle começando a se mover, passando as mãos em sua roupa de baixo branca. Uma vez que o feiticeiro estivesse de pé e em movimento, eles iriam para o castelo e buscariam sua audiência com o Conde Tilgar. Antes disto, entretanto, eles teriam que se preparar.

Siggard pegou sua túnica e franziu o rosto. A camisa, uma vez cinza, tinha ficado coberta com manchas marrons de sangue. Ele poderia vesti-la enquanto comprava uma nova, mas certamente não serviria quando ele fosse ver o Conde.

Ele assistiu Sarnakyle eliminar o sono de seus olhos com uma piscada e suspirou. Havia tanto para fazer, e tão pouco tempo.



Eles conseguiram achar para Siggard algumas roupas novas em uma loja perto da estalagem. Uma vez mais, ele se encontrou vestido com uma túnica cinza e um manto preto, mas de um corte muito mais fino do que ele vestia antes. Sarnakyle não só pagou por isso tudo feliz, dizendo a Siggard que era o mínimo que ele podia fazer para alguém que tinha perdido tanto, mas também deu a ele uma pequena e tilintante bolsa de moedas. Embora Siggard não pudesse ter certeza, parecia que havia algo mais na mente de Sarnakyle, mas o feiticeiro não revelou nada a ele.

Sarnakyle vestiu suas habituais vestes e manto avermelhados. Siggard perguntou-se por um momento se algum dia veria o homem vestido de qualquer outra cor, mas eliminou o pensamento como sendo sem importância.

Eles tomaram um leve café da manhã de leite e pão fresco assado em uma padaria local, e então fizeram seu caminho para o castelo. Quando eles chegaram lá, o sol estava alto em um céu sem nuvens.

Eles deram seus nomes para o guarda, um homem volumoso carregando as cores carmesins do Conde Tilgar. Siggard só pôde supor que ele era parte dos homens pessoais de Tilgar, os soldados de elite, no lugar da guarda da cidade. O guarda passou uma mensagem para dentro, e muito depressa Siggard e Sarnakyle foram saudados por Hunfrith, que os levou fundo no castelo.

Eles foram levados vários lances de escada acima para um brilhante escritório onde o Conde Tilgar e três soldados estavam esperando. Uma mesa grande estava no centro do quarto, vários mapas estendidos por sua superfície de carvalho. Da janela Siggard podia facilmente ver as ameias e torres do castelo e as muralhas da cidade.

“Estou contente que ambos estejam aqui,” Tilgar disse. “Não se incomodem em curvar-se; este é um concílio de guerra, e eu entendo que há muito pouco tempo. Por favor permitam-me apresentá-los a meus companheiros.” Ele apontou ao primeiro homem, vestido de azul-marinho, que Siggard se lembrava da batalha fora do quartel. “Capitão Hagan, que comanda a guarda da cidade.” Ele apontou para segundo homem, um guerreiro de barba vermelha que vestia as cores pessoais de Tilgar. “Wulfgar, o chefe dos meus soldados de elite.” Finalmente, ele apontou para o terceiro homem, um cavaleiro musculoso em púrpura real. “Guthwulf, o comandante dos homens do Rei com base aqui.”

“Um prazer encontrar vocês todos,” Siggard disse, curvando-se por via das dúvidas. Quando ele se levantou, notou um olhar de aprovação de Guthwulf.

Tilgar apontou para o mapa. “Faz agora uma semana e meia desde que nós tivemos qualquer notícia das aldeias em torno do trono de Brennor, e nossos exploradores ainda têm que reportar. Nossos suprimentos estão agora escasseando, e temos talvez uma reserva de um mês antes das pessoas começarem a passar fome. Eu acredito que Siggard e Sarnakyle tenham informações pertinentes a isso?”

Siggard movimentou a cabeça e avançou. “Vossa senhoria, eu temo que venha pouco ou nenhum alívio. Os povoados que abastecem a cidade foram destruídos por um exército demoníaco.”

Hunfrith levantou a mão. “Eu vou garantir por eles. Todos nós vimos os corpos encontrados depois do ataque ao quartel principal. Eles não eram humanos.”

“Vossa senhoria, se eu puder,” Sarnakyle intrometeu. “Eu lutei em Viz-jun contra Bartuc, o Comandante de Sangue. Ele era um de nós que se tornou, para todos os intentos e propósitos, um arquidemônio. Ele seguiu uma estratégia semelhante contra nós. Primeiro ele destruiu todos os povoados que davam suporte à cidade, e então ele atacou a própria cidade. Se este ataque ontem à noite é algum indício, o exército principal de qualquer que seja o arquidemônio que nós enfrentamos estará aqui dentro de dias.”

Guthwulf olhou para Siggard por um momento. “Eu entendo que você esteve em Blackmarch, e que nós estaremos lutando contra o mesmo inimigo. O que você viu lá?”

“Nós formamos uma parede de escudos no local mais alto que pudemos achar,” Siggard reportou. “Nenhum de nós esperava um exército demoníaco, mas nós fomos capazes de nos manter por um tempo. Havia criaturas que pareciam bodes que caminhavam eretos, portando arcos, machados, e porretes. Os arqueiros eram muito precisos, e cada seta atingia onde haviam sido miradas. Havia também alguns monstros menores que se assemelhavam a cachorros, carregando machados. Eles pareciam ter algum tipo de armas de longo alcance, e havia estas coisas sombrias próximas ao arquidemônio. Eu não vi o que eles realmente fizeram.”

“Quantos eram em número?” Hagan perguntou.

Siggard encolheu os ombros. “Nós parecíamos ser cinco vezes mais do que cada carga que realizavam, mas havia muito mais vindo. Eu acho que nós estávamos enfrentando mais ou menos cinco mil, mas posso não estar certo. Eu fui pego em uma confusão quando eles quebraram a parede de escudos, e não lembro de nada depois.”

“Como eles quebraram?” Tilgar disse, inclinando-se para frente na mesa de mapas.

Siggard agitou sua cabeça. “Eu simplesmente não sei. A linha estava sólida, então o arquidemônio apareceu, e de repente estas criaturas estavam entre nós, matando cada homem que podiam.”

“Nós Vizjerei os chamamos de 'Ocultos',” Sarnakyle cortou a conversa. “Não temos um nome melhor para eles. Eles estavam em Viz-jun, ainda. Eles provavelmente estavam dentro das linhas antes da batalha até mesmo começar, esperando pelo sinal do arquidemônio. Bartuc usou essa tática também. Aquelas criaturas contra quais lutamos ontem à noite também eram um dos tipos de Ocultos.”

Tilgar coçou sua barba. “Poderíamos estar enfrentando esse 'Bartuc' que você mencionou?”

Sarnakyle balançou a cabeça horizontalmente. “O Comandante morreu dois anos atrás em Viz-jun. Eu ajudei a matá-lo, e vi o corpo.”

“Então é algum outro demônio, usando as táticas de Bartuc,” Hagan meditou.

“Usando suas estratégias,” Sarnakyle corrigiu. “Eu não sei o que este arquidemônio fará uma vez que o ataque comece. As forças demoníacas são caóticas ao extremo, e seria muito perigoso para nós presumir qualquer coisa. A única ação consistente dos exércitos do Inferno é em como eles abordam uma cidade murada. Eles entram, então atacam.”

“Nós precisaremos nos preparar para um cerco total,” Tilgar declarou, virando-se para seus comandantes. “Hagan, puxe as catapultas para fora do arsenal e ponha uma guarda toda nisso. Também, ponha seus homens em alerta; pode haver mais destas criaturas Ocultas para lidar. Guthwulf, eu precisarei de alguns exploradores avançados para examinar as terras. Descubra onde este exército demoníaco está, quantos deles existem, e quanto tempo levará para eles chegarem aqui. Wulfgar, coloque os soldados de elite prontos para a batalha, e prepare os túneis debaixo da cidade. Nós podemos ter que evacuar a cidade se o pior vir a acontecer.”

“Há uma esperança,” Sarnakyle disse. “Os outros demônios estão sendo mantidos aqui pelo poder do arquidemônio. A fim de existir neste plano, ele teve que possuir um corpo mortal. Se nós pudermos matar este barão do Inferno, os outros demônios serão banidos deste plano. Seja cauteloso, entretanto; Siggard me disse que o arquidemônio é encantado com um glifo de poder, então na melhor das hipóteses será difícil destruí-lo.”

“Nós encontraremos um modo,” Tilgar prometeu. “O velho conde se orgulhava de sua habilidade de manter suas pessoas longe de danos, e eu sou o filho de meu pai. Se este arquidemônio atacar as muralhas de Brennor, morrerá aqui.”

O feiticeiro sorriu. “Isso é tudo que eu poderia pedir.”

Tilgar assentiu. “Eu farei Hunfrith encontrar quartos para vocês no castelo. Com sua experiência, Sarnakyle, eu sinto que seria bom ter você por perto.”

Sarnakyle sacudiu a cabeça. “Com todo devido respeito, vossa senhoria, nós já temos acomodações apropriadas. O conforto da estalagem servirá para nós dois, eu acho.”

Tilgar apertou as mãos de Siggard e Sarnakyle. “Muito bem, então. Vocês dois deviam ir e descansar. Informe Hunfrith de onde vocês estão ficando, e quaisquer notícias serão enviadas a vocês.”

Siggard e Sarnakyle concordaram, curvaram-se, e permitiram que fossem acompanhados até a saída.



A espera provou ser muito pior do que a luta tinha sido. Eles ficaram no muro da cidade e assistiram enquanto os exploradores montados deixavam a cidade e se dividiam em várias direções à procura do exército demoníaco. E então as horas começaram a passar, o sol a se por, e Siggard foi deixado se agitando e virando em sua cama, desejando fortemente o toque de sua doce Emilye.

Ele passou a manhã seguinte cuidando de Guthbreoht, cuja canção ficou calma e gentil. Depois que a espada foi tratada com polidor para espelho, ele a embainhou e caminhou escada abaixo para o quarto comum de estalagem para esperar por notícias. Nenhuma palavra veio naquele dia, embora vários bardos cantassem épicos do herói Arkaine, que havia conseguido alguma grande vitória no leste contra forças demoníacas.

O humor da cidade havia mudado durante a noite. No quarto comum da estalagem, onde antes era cheio de vida e riso, agora todo mundo estava deprimido, esperando pela batalha que souberam que viria. Quando Siggard assistiu Brennor voltar à vida na próxima manhã, depois de outra noite quase acordada, os habitantes pareceram passar por seus negócios diários como se fosse só uma rotina e nada mais.

Ele poliu sua espada uma vez mais, foi ao andar de baixo, escutou mais épicos, e esperou por notícias. E, quando outra noite caiu, ainda nenhuma palavra tinha chegado, e ele estava quase doente de ouvir contos sobre Arkaine eliminando demônios com força sobre-humana.

Sarnakyle não era de muita ajuda. O feiticeiro gastou a maior parte de seu tempo no quarto, lendo alguns livros velhos que ele tinha guardado em sua mochila. Quando Siggard perguntou a ele o que eram, ele foi informado que eram livros de magia. A resposta tinha sido curta, no entanto, diferentemente do comportamento carinhoso habitual de Sarnakyle.

Naquela noite ele sonhou com Emilye, mas seu rosto estava velho e decrepito, e não importava o quão forte ele tentava segurá-la, ela deslizava para fora de seu aperto e se tornava areia. Ele despertou em lágrimas, a dor da morte dela fresca mais uma vez, e lamentou silenciosamente por quase uma hora antes do nascer do sol.

Naquela manhã, depois de lubrificar sua espada e ir ao quarto comum para uma beliscada na comida, o dono da estalagem lhe deu uma mensagem.

“Acabou de chegar para você, senhor,” o estalajadeiro disse. “Tem o selo pessoal do Conde Tilgar, tem sim.”

Siggard deu ao homem uma moeda de prata e abriu o papel. Ele leu depressa, a escritura elegante de repente o lembrando das gentis lições de leitura de Emilye, e sentiu um temor absoluto embrulhar seu estômago. Ele apressou-se para cima, e violentamente abriu a porta para seu quarto, surpreendendo Sarnakyle que estava cuidadosamente examinando uma passagem em seu códice.

“Leia isso,” Siggard disse, dando o pergaminho para o feiticeiro. Os olhos de Sarnakyle arregalaram-se quando ele olhou para a página.

“O exército chegará do leste dentro de um dia,” ele leu em voz alta. “O número de demônios é entre três e quatro mil. Todas as aldeias próximas estão destruídas, e todas as estradas bloqueadas. Nós estamos completamente isolados.”

Siggard sacudiu a cabeça. “Se nós estivermos verdadeiramente isolados, então se a cidade for evacuada, não haverá nenhum lugar para as pessoas irem. Os demônios as destruirão à vontade.”

“Eu não via uma situação tão ruim desde Viz-jun,” Sarnakyle declarou. “Nós devemos nos preparar. Amanhã, a escuridão cairá sobre Brennor.”

9 – REVELAÇÕES



*Lutar a batalha é fácil..
Esperar pelo seu início é aterrorizante.*
– Godfrey de Westmarch, *Citações*

Siggard se posicionou no muro leste da cidade, observando o horizonte por qualquer sinal da força demoníaca. Ele tocava com os dedos nervosamente o cabo preso com couro de sua espada enquanto esperava, seu intestino agitando-se em impaciência e medo.

Sem permissão, sua mente voltou para a aterrorizante carnificina de Blackmarch. O arquidemônio permanecia claro em sua mente, e ele sabia que o reconheceria imediatamente quando ele viesse. De alguma maneira, apesar da canção calmante de Guthbreoht ecoando em seus ouvidos, o pensamento de lutar com o arquidemônio trouxe um terror estridente. Além disso, ele pensou, havia vingança, e seu coração endureceu.

Ele ouviu suaves passos atrás dele, e virou-se para ver Sarnakyle se aproximando. O feiticeiro segurava um de seus livros, que deixou no parapeito.

“Eu pensei que você estivesse na estalagem estudando sua magia,” Siggard disse.

Sarnakyle deu de ombros. “Eu decidi tomar um pouco de ar fresco. Além disso, eu não suportaria esperar na estalagem nem um pouco mais.”

“Você não teria perdido nada,” Siggard assinalou. “Tilgar tem mensageiros esperando para nos encontrar assim que qualquer coisa aparecer.”

Sarnakyle sorriu e olhou para o oeste, onde o sol pedia baixo no céu, lançando uma sombra sobre a cidade. “E eu suponho que você tenha vindo aqui apenas para um breve passeio de meio-dia?”

Siggard fez careta. “Algo assim.”

“O aviso chegou há apenas algumas horas,” Sarnakyle disse. “Para ser honesto, eu acho que este demônio aparecerá em algum momento pela manhã. Ele tem um exército grande para marchar até aqui, sabe.”

“Não faz a espera nem um pouco mais fácil.”

Sarnakyle meneou a cabeça verticalmente. “Eu sei o que você quer dizer.”

O feiticeiro apoiou-se na parede de pedra áspera, olhando para o horizonte que escurecia. “Se Tilgar fosse esperto, e eu acredito que ele seja, suas catapultas atingirão os demônios quando eles vierem para perto da cidade, forçando-os a acampar longe.”

“Que bem isso faria?”

“Nos daria um pouco de espaço,” Sarnakyle explicou. “Quanto mais distante eles tiverem que acampar, menos provável será que eles possam nos cercar completamente. E podemos usar qualquer vantagem que nós consigamos.”

“Nós temos sua magia,” Siggard assinalou.

“Sim, bem,” Sarnakyle murmurou. “Temos, realmente.”

“Aqui vêm eles!” O vigia chamou. Um som alto de berrante soou, e comandantes gritaram ordens para seus soldados.

Ele olhou por cima do parapeito, apertando os olhos enquanto observava atentamente o horizonte. As formas minúsculas começavam a aparecer ao longe, portando bandeiras estranhas.

Siggard sacou sua espada, sentindo sua canção o carregar com força. Ele tentou descobrir a figura nas bandeiras, mas estavam muito longe. Ele olhou para Sarnakyle, que também estava debruçando para frente, perdido em concentração. Ao lado deles estavam vários soldados, armas preparadas.

A muralha estava se enchendo de soldados pesadamente armados.

“Arqueiros!” Um dos comandantes chamou. “Aguardem pelo meu sinal!”

Siggard olhou de volta para o horizonte fervente. O exército demoníaco literalmente encheu a paisagem, tomando completamente as colinas e campos fora da cidade. Finalmente uma das bandeiras ficou visível, uma representação horrorizante de um cadáver sem pele contra uma lua negra, montado sob um crânio humano. A garganta de Siggard se levantou, e ele lutou contra uma náusea atordoante.

“Não,” Sarnakyle amaldiçoou. “Qualquer um menos ele!”

“O que foi?” Siggard perguntou. “Contra quem nós lutamos?”

“Assur,” Sarnakyle sibilou. “O barão preferido do Senhor de Terror.”

Siggard saltou quando uma catapulta soltou um disparo, o peso voando pelo céu apenas para falhar ao acertar a horda que se aproximava. Eles ainda continuaram vindo, criaturas de todos os tamanhos, e em seu centro, cercado por coisas sombrias que só podiam vir de um horrível pesadelo, estava o gigante arquidemônio.

“Não pode ser três mil,” Siggard murmurou. “Talvez cinco, ou seis, mas não três.”

“Ele trouxe ajuda.”

Outra pedra foi lançada, o pedregulho caindo nas linhas demoníacas, e uma bateria de lançamentos a seguiu. Vários monstros caíram, mas a horda continuava a avançar, implacável como uma força da natureza. Cada buraco na linha que as catapultas faziam era imediatamente ocupado à medida que mais demônios entravam na multidão.

“Nós temos que advertir Tilgar,” Sarnakyle disse, virando-se da muralha. “Nós temos que evacuar a cidade.”

“O que está errado?” Siggard exigiu. “O que há de tão especial sobre este 'Assur'?”

Sarnakyle se virou, e Siggard recuou. O rosto do mago estava pálido, seus olhos com medo extremo. “Não há como nós matarmos este arquidemônio,” Sarnakyle disse com certeza absoluta, levantando seu livro do parapeito. “A batalha já está perdida.”



Eles foram rápido na direção do castelo, empurrando bandos inteiros de soldados que estavam indo em direção às muralhas do leste. Não importava para onde caminhavam, eles podiam ouvir o ruído das catapultas atirando pedras para o ar.

Finalmente eles chegaram, correndo e desviando de vários grupos de soldados. Siggard tentou perguntar a muitos deles onde o Conde Tilgar podia ser encontrado, mas nenhum parecia saber, dizendo a ele para perguntar a outra pessoa. Siggard rosou em frustração, mas havia pouco que pudesse fazer; a confusão era muito grande.

Por acaso, eles toparam com Hunfrith dirigindo alguns soldados para as muralhas de castelo. Sarnakyle bateu no ombro do criado, e o homem girou abruptamente.

“Melhor ser importante,” Hunfrith estalou. “No caso de vocês não terem notado, nós estamos no meio de um cerco.”

“Nós temos que falar com o Conde Tilgar imediatamente,” Sarnakyle exigiu. “É uma questão de vida ou morte.”

“Ele está no quarto de guerra,” Hunfrith disse. “Vocês terão que encontrar seu próprio caminho. Eu estou muito ocupado para guiá-los.”

Sarnakyle assentiu com a cabeça. “Eu lembro do caminho.” Girando em seus calcanhares, o feiticeiro andou a passos largos pelo castelo, Siggard se esforçando para acompanhar. Com uma facilidade quase antinatural, Sarnakyle escolheu um caminho através das multidões de soldados e guardas, pedindo por espaço para se deslocar.

A portaria deu em um pátio explodindo em atividade. Vários soldados estavam consertando uma catapulta, e arqueiros estavam indo apressados para as muralhas. Sarnakyle ignorou tudo isso, e Siggard se encontrou correndo rápido para alcançar o feiticeiro depois de dar um olhada rápido ao redor.

Sem cerimônia eles entraram na torre principal, Sarnakyle fazendo um caminho tortuoso através do labirinto de corredores, Siggard logo atrás dele. Finalmente, eles alcançaram o quarto de guerra e encontraram Conde Tilgar debruçado sobre mapas com seus três comandantes e uma outra pessoa.

“Nossos exploradores conseguiram destruir suas catapultas,” um soldado disse, apontando em um mapa. “Então nós temos pelo menos uma vantagem.”

Os olhos de Siggard arregalaram-se quando ele reconheceu o homem alto, de capuz cinza e com um cabelo loiro-areia que se levantou da mesa para saudá-lo.

“Saudações, Siggard,” ele disse. “Eu estou contente que você tenha encontrado sua saída da floresta.”

“Tyrael,” Siggard respirou, lembrando do homem com o qual havia compartilhado seu fogo. “Eu pensei que você fosse um fantasma.”

Tyrael sorriu. “Tenho muito prazer em dizer que não sou nenhum espírito sem descanso.”

Tilgar examinou Siggard surpreso. “Você conhece o Arcanjo Tyrael?”

Siggard levantou uma sobrancelha. “Arcanjo? Você não me disse que era um anjo.”

“Você não perguntou.”

“Senhor Tyrael, é bom vê-lo novamente,” Sarnakyle disse, curvando-se. “Infelizmente, eu tenho notícias terríveis. O arquidemônio que enfrentamos é Assur.”

Tyrael meneou a cabeça positivamente. “Eu sei. Será uma luta difícil.”

“Todo mundo sabia que Tyrael era um arcanjo menos eu?” Siggard perguntou-se alto, mas ninguém respondeu.

“Se você está aqui, Tyrael, significa que os Senhores do Céu intervirão?” Sarnakyle perguntou. “Eu temo que seja nossa única esperança.”

Tyrael sacudiu sua cabeça tristemente. “É muito difícil para os mais poderosos de nós aparecer no plano mortal. Mesmo eu não posso me manifestar por mais que uma noite de cada vez. Eu posso oferecer conselhos, mas nada mais.”

“Então nós já estamos perdidos,” Sarnakyle disse, virando-se para Tilgar. “Nós devemos evacuar a cidade, vossa senhoria.”

Tilgar agitou a cabeça. “Eu não entendo. O que há de tão especial sobre este 'Assur'? Pelo o que eu posso ver, mesmo com seus números atuais, ainda temos forças iguais e as muralhas de cidade para nos proteger.”

“Ele é encantado com um glifo que só pode ser lançado uma vez a cada milênio,” Sarnakyle disse. “Ele não pode ser morto por quaisquer mãos vivas, sejam mortais ou angelicais. Nenhuma arma que nós tivermos o tocará.”

“Como é possível você saber disso?” Tilgar exigiu. “Como você pode estar certo?”

“Eu sou um dos Senhores dos Vizjerei,” Sarnakyle explicou. “Por décadas eu estudei a invocação de espíritos e demônios, e vim a liderar muitos de meu clã no concílio. Os demônios não dão informações facilmente, e freqüentemente estão envoltas em mentiras, mas recentemente nós aprendemos os nomes da maioria dos barões do Inferno. Seus senhores, os Demônios Primordiais e Inferiores¹, nós conhecemos apenas por título. De todos os barões, Assur é o mais temido. Nós sabemos pouco sobre ele, exceto que ele é o favorito do Senhor do Terror, e que é encantado com o Glifo de Invencibilidade.”

“Você pode invocar demônios, correto?” Wulfgar perguntou. “Então você pode invocar seus próprios monstros para lutar com eles?”

Sarnakyle sacudiu a cabeça. “Minha magia já não é o que uma vez foi. Quando Bartuc, o Comandante de Sangue, atacou a cidade de Viz-jun, nós Vizjerei levamos os clãs menores para a batalha, acreditando que os demônios que podíamos evocar, combinados com as magias elementais dos clãs menores, facilmente destruiria o exército de Bartuc.”

“Por séculos, nós invocamos as criaturas com facilidade, pensando que podíamos controlá-las. No cerco, nós descobrimos que por todos aqueles séculos estávamos enganados. Os demônios que nós evocamos se voltaram contra nós, devorando nossas próprias linhas. Quando nós tentamos bani-los, não conseguimos. Se não tivesse sido pelos clãs menores, a cidade teria caído no primeiro dia. Tínhamos dez vezes os números do exército do Bartuc, e um terço de nós foi morto no ataque, a maioria das perdas não por causa das forças do Comandante, mas por causa de nossas próprias invocações.”

“Depois do ataque, nós dos Vizjerei fomos quebrados. A maior parte dos senhores do clã, como eu, começou a vagar, tentando redescobrir o que era real. Eu passei os últimos dois anos reaprendendo a magia elemental que nos salvou, mas não estou nem perto do quão poderoso eu uma vez achei que era. Nós não podemos enfrentar Assur com demônios.”

Tyrael assentiu. “O Senhor Sarnakyle está correto. Você deve confiar em seus próprios recursos nessa luta. Porém, se possível, pelo menos você não deve deixar Assur tomar a cidade. Esta pode ser a batalha mais importante já lutada no reino mortal.”

“Eu não entendo,” Siggard disse.

“O Céu e o Inferno tem guerreado por milênios, mas só recentemente as forças da escuridão se interessaram pelo reino mortal. O reino costumava ser protegido dos planos mais altos e mais baixos, mas os Demônios Primordiais usaram os Vizjerei para debilitar essa proteção. Se eles puderem estabelecer uma posição segura e mantê-la, então eles terão um lugar onde as forças da luz não possam sitiá-lo, de onde eles podem atacar os próprios portões do Céu. É por isso que eles enviaram Assur; com ele, estão certos de que serão vitoriosos.”

“Como nós podemos enfrentá-lo?” Sarnakyle disse.

“Você pode tentar matá-lo,” Tyrael disse. “Talvez exista um entre vocês que possa ter sucesso. Mas existe uma pequena chance de vitória por esse caminho. Ao invés, vocês deveriam destruir seu exército. Se vocês puderem repeli-lo, nós ganharemos esta batalha.”

Tilgar olhou para baixo, seu rosto pálido. “Foi-me dito por um vidente uma vez que eu era tocado pelo destino, mas eu não desejo lutar contra Assur em um duelo.” Ele levantou a cabeça para olhar para Tyrael. “E o que acontece a nós se perdermos?”

“Uma eternidade de escuridão,” Tyrael calmamente declarou. “E é por isso que eles não devem tomar este lugar.”

¹NDT: “Demônios Inferiores” é a melhor tradução que pude encontrar para “Lesser Evils”.

10 – BATALHA



Sempre respeite a pureza da batalha. Pois apenas no calor do combate todas as pretensões de nobreza e primariedade vão para longe, substituídas por sobrevivência e morte.

– Leoric de Khanduras, *A Arte da Guerra*

Enquanto Siggard e Sarnakyle saíam do castelo, Siggard parou e se esforçou para vestir uma brilhante cota de malha, um presente de despedida do Conde Tilgar. Finalmente, quando a armadura colocou-se no lugar, Sarnakyle lhe passou seu manto preto. À medida que caminhavam, eles ouviam o assoviar de flechas e gritos de demônios agonizantes.

Siggard disparou em uma corrida. “Já começou de verdade.” Ele nem mesmo se incomodou para olhar se o feiticeiro o estava seguindo, mas invés disso puxou sua espada. As runas na lâmina de Guthbreht se contorceram como se tivessem uma nova vida.

Sarnakyle finalmente o alcançou. “Você está tão ansioso por sua vingança?” Ele perguntou, e então adicionou, “Não deixe sua fúria consumi-lo.”

Siggard parou antes dos degraus mal-acabados da escada que dava para a muralha, e virou-se para encarar Sarnakyle. “Assur destruiu minha aldeia, minha família, e meu mundo. Haverá sangue por sangue.”

Com isso, ele subiu correndo pelo seu percurso de pedra velha, a canção de Guthbreht se tornando dominante em seus ouvidos. Quando ele atingiu o topo da muralha, ele olhou para baixo na turbulenta massa que havia cercado a cidade. A horda parecia quase infinita apesar do bombardeio constante das catapultas, uma chuva de pedregulhos que esmagava tudo que tocava. Por um momento houve um silêncio quando as linhas demoníacas alcançaram a muralha.

Então o sol se pôs.

Houve um grande rugido do exército monstruoso, e ele avançou apressado. As criaturas menores, que se pareciam com cachorros, começaram a escalar a muralha, saltando de fissura em fissura com suas garras. Guthbreht levou duas das criaturas quando elas alcançaram o topo, dividindo suas cabeças como melões podres. Ainda, uma massa dos monstros saltou sobre as torres, aterrissando dentro das linhas entsteiguianas com um guincho agudo e estridente.

Uma onda de chamas cantou ao lado de Siggard, e o corpo carbonizado de um dos demônios caiu ao lado dele. “Alguém tem que proteger sua retaguarda,” Sarnakyle gritou, enquanto mais dos inimigos despejavam-se sobre a muralha.

Siggard pronunciou um antigo grito de guerra e avançou, estripando um dos monstros antes mesmo da criatura saber que ele estava lá. Outro saltou sobre ele, o machado preparado, só para ter Siggard golpeando, cortando sua cabeça pela metade e espalhando seu cérebro sobre o chão de pedra.

Houve um grito próximo, enquanto os soldados de elite do conde lutavam contra um grupo maior de demônios. Com um grito de fúria, Siggard avançou em carga, espalhando as criaturas e matando duas.

E ainda o inimigo inundava as linhas como uma lama nojenta.

Siggard se encontrou estranhamente separado da batalha, assistindo a ele mesmo agir. Não existia mais qualquer pensamento em suas ações. Ele e a espada agiam em conjunto, como se tivessem sempre estado juntos. À medida que os demônios vinham sobre a muralha, a espada os saudava com uma canção jovial, derramando intestinos e sangue preto onde quer que atingia. O próprio tempo ficou sem sentido, e logo ele não podia se lembrar de nada antes da luta.

Ele estava além da exaustão. De alguma maneira, ele sabia que o Conde Tilgar havia se juntado à batalha com mais de seus soldados de elite, só por ter ouvido o eco dos roucos gritos de guerra dos homens nas muralhas. Embora não estivesse certo de como, ele estava ciente de Sarnakyle enviando feitiço atrás de feitiço nas massas, o feiticeiro protegido por um anel de guardas. Quando a lua tingida de vermelho subiu ao céu estrelado, o fétido cheiro de sangue e morte encheu o ar.

E então, abruptamente, os demônios pararam.

Siggard permaneceu na muralha, sua espada e cota de malha cobertos de sangue, seco ou fresco. De algum modo, durante a batalha ele havia se livrado de seu manto preto. Ele de repente se perguntou onde o manto estava, e se teria que conseguir um novo.

“Está tudo bem com você?” Sarnakyle ofegou, andando sobre vários corpos em sua direção. “Você está ileso?”

Siggard movimentou a cabeça em concordância. “Eu não tive nenhum ferimento.”

“Essa deve ter sido a primeira onda,” Conde Tilgar declarou, debruçando-se contra a muralha próxima, limpando o sangue de sua espada. “Quanto tempo durou?”

Siggard deu de ombros. “Eu perdi a noção.” Quando ele olhou para baixo, ele viu formas vagas se movendo na escuridão, mas nada mais.

“Eu tentarei conseguir alguma luz lá embaixo,” Sarnakyle disse, estendendo sua mão e cantando suavemente. Um relâmpago dividiu o ar, aterrissando logo depois da muralha. Na luz, Siggard viu a ainda turbulenta paisagem, uma pilha de corpos caída ao lado da muralha.

Siggard piscou, subitamente notando o silêncio antinatural. “O que aconteceu às catapultas?”

“Elas ficaram sem pedregulhos há um tempo atrás,” Tilgar respondeu. O conde então se virou para um de seus soldados. “Providencie fardos de madeira acesos muralha abaixo. Nós temos que conseguir ver mais do que a lua permitirá.”

À medida que os soldados executavam os comandos do Tilgar, Siggard desejou que o próprio Assur atacasse, escalando a muralha de forma que ele pudesse atingir o monstro que matou sua família. Naquele momento, Siggard não se importava com o glifo encantado do arquidemônio, ou se ele próprio sobreviveria à batalha. Ele agitou a cabeça para limpá-la desses pensamentos e examinou a torre de arqueiros, a parte inferior agora iluminada com chamas crepitantes.

“Aqui vêm eles novamente!” Veio um grito do norte, e Siggard olhou sobre o parapeito. No luar, as criaturas-cabra estavam atacando, levando escadas gigantes para a pedra antiga.

“Varas para as escadas!” Tilgar ordenou. “Não os deixem alcançar o topo!”

Siggard juntou-se aos outros em uma corrida desesperada para derrubar as escadas, longas varas empurrando-as das muralhas, demônios gritando enquanto caíam para a morte. Mas para cada escada que caía, outra tomava seu lugar. Siggard veio para uma, vendo uma cabeça de cabra com os dentes à mostra subindo a sua frente. Com um golpe de Guthbroeht, ele mandou a cabeça voando, e então ajudou os homens com as varas virarem a escada.

O silvo de flechas encheu o ar, e vários dos soldados do conde caíram. Siggard ouviu um grunhido atrás dele, e virou-se na hora certa para fincar um demônio-cabra. A canção de Guthbreoht o percorreu, e ele começou uma dança da morte, cada passo deixando um monstro morto.

“Eles estão ganhando a muralha!” Veio um grito, e Siggard virou-se para ver uma massa de demônios escalarem o parapeito perto do Conde Tilgar. Com um grito de ira, ele avançou em carga. O primeiro monstro ele eliminou por trás. Outro virou e atacou, e ele primeiro cortou a clava da criatura pela metade, e então derramou seu intestino sobre o parapeito.

Alguém gritou uma advertência, e Siggard girou, sua espada levantada. Um demônio estava correndo para ele, clamando por vingança. Com um golpe direto ele pôs Guthbreoht através da cabeça da criatura, espirrando seu cérebro rosa e branco sobre um soldado próximo. Ele retirou sua espada para em seguida voltar a atacar seriamente a massa de monstros.

Mais três criaturas-cabra caíram pela sua espada, e então tudo ficou quieto, a canção de Guthbreoht ainda pulsando na cabeça de Siggard. Tilgar olhou para cima, sua cota de malha rasgada e tão encharcada de sangue que não mais brilhava na luz das tochas, ainda que pouco do sangue fosse seu. “Uma vez mais, estou em débito de agradecimentos a você,” Tilgar disse. “Você acabou de salvar minha vida. Se você algum dia precisar, venha a mim ou a minha família, e te receberemos prontamente.”

“Se nós sobrevivermos a isso, eu aceitarei sua oferta.”

Algo surgiu na mente de Siggard, entretanto, algo importante que ele devia estar se lembrando. Mas a única coisa que ele podia comparar a esta situação era Blackmarch, e aquela havia sido mais uma batalha de resistência do que um cerco.

“Onde está a terceira onda, você supõe?” Tilgar perguntou.

Siggard encolheu os ombros, enxugando o suor de sua sobrancelha. De que forma ele estava prevenindo a exaustão estava além de seu conhecimento, mas ele não iria reclamar da bênção. “Fico feliz por qualquer pausa que pudermos conseguir.”

Tilgar sorriu e movimentou a cabeça. Ele virou-se para um de seus soldados. “Tenha estes corpos tirados da muralha, e veja o que pode ser feito sobre o sangue. Se nós formos atacados novamente, correremos maior risco de quebrarmos nossos pescoços ao tropeçar sobre os mortos e deslizar em seu sangue do que pelos demônios.”

“Eu sou o Barão favorito do Senhor de Terror!” Veio um rugido extremamente alto das linhas demoníacas. “Você viu o poder de meu exército! Saiba agora que eu tenho muitos mais prontos para a batalha! Eu darei a vocês uma escolha, pobres mortais! Se vocês nos derem a cidade agora, só metade de vocês morrerá! Se lutarem, nenhum de vocês irá sobreviver! Dê-me sua resposta!”

Tilgar levantou-se e se preparou na muralha. “É você que não sobreviverá, Assur, Barão do Inferno! Saiba agora que qualquer um de nós prefere morrer a servir a você! Venha lutar comigo, e eu lhe matarei com minhas próprias mãos!”

“Você é um tolo, pequeno homem, pois nenhuma criatura viva pode me matar!” Assur gritou. “Todos vocês morrerão, mortais! Pois vocês já perderam!”

Enquanto o arquidemônio respondia, o estômago de Siggard afundava em compreensão. A batalha na muralha tinha sido uma diversão...

“Por tudo que é sagrado, Tilgar, evacue a cidade,” Siggard implorou.

Tilgar virou-se para ele em choque. “Certamente você não vai acreditar nesse nojento...”

De repente, houve um sibilar de flechas vindo do forte, e quase metade dos soldados ainda na muralha caíram, derrubados pelas setas mortais. Um grande rugido surgiu nas linhas demoníacas quando eles avançaram adiante, portando mais escadas.

“Os Ocultos tomaram o forte enquanto não estávamos olhando,” Siggard disse. “Dê o sinal para evacuar. Esta batalha está perdida!”

Tilgar deu a Siggard um olhar de horror, sua face pálida como um fantasma. Então ele se virou para seu soldado de elite e meneou a cabeça. O soldado levantou uma trombeta e produziu várias notas.

“Siggard, Sarnakyle, vocês vêm comigo,” Tilgar ordenou. “A guarda da cidade sabe o que fazer agora.”

“Você tem certeza de que não somos demandados aqui?” Sarnakyle perguntou, avançando. Siggard virou e viu que o rosto do feiticeiro estava vermelho com suor, o homem balançando de exaustão.

“Qualquer homem que ficar nas muralhas agora morre,” Tilgar disse, gesticulando para os homens ao redor com sua maça de escritório. Os soldados vestidos em azul estavam ocupados derrubando as escadas e disparando flechas no forte. “Os guardas sabem o que devem fazer, e estão todos prontos para o sacrifício. Nós agora temos uma missão sagrada para com os inocentes desta cidade. Eles já foram levados aos túneis. Devemos assegurar que não sejam seguidos.”

Siggard assentiu, e olhou para as linhas demoníacas. “Isto não acabou,” ele prometeu, falando mais alto que o silvar de flechas. Com isso, ele e Sarnakyle seguiram o conde para baixo, tentando não olhar para os valentes homens na muralha atrás, que sabiam que morreriam aquela noite, mas continuavam a lutar indiferentemente.



Tilgar os guiou pelo labirinto de ruas, Sarnakyle rapidamente pegando algo de uma loja abandonada enquanto caminhavam. Os sons da luta extinguíram-se, embora as flechas ainda voassem sobre suas cabeças.

Finalmente, eles chegaram a uma construção de pedra bruta na praça de cidade. Do lado de fora estava Hunfrith, esperando impacientemente, uma espada em sua mão trêmula. “Todo os soldados de elite restantes estão do lado de dentro,” ele disse. “Os Homens do Rei escolheram ficar e lutar.”

Tilgar sacudiu a cabeça. “A perda de vida é um desperdício, mas isso nos dará algum tempo. Vamos indo.”

Quando Hunfrith se virou, algo surgiu das sombras. Siggard levantou sua espada, um suor frio descendo por suas costas. Uma daquelas *coisas* sombrias de Blackmarch havia chegado, e de sua forma estranha emergiu garras afiadas.

“Vão!” Sarnakyle gritou, levantando sua mão e proferindo um encantamento. Um raio de fogo explodiu de sua palma, espalhando-se na criatura para nenhum efeito. Então Siggard golpeou, cortando com Guthbreoht enquanto pronunciava um grito de guerra. Enquanto ele se movia, estava ciente de Tilgar e Hunfrith entrando apressados na construção.

A coisa recuou quando Guthbreoht a tocou, e Siggard a atingiu de novo e de novo, até o monstro estranho se retirar e dissolver na escuridão. Se estava morto ou só cuidando de seus ferimentos, Siggard não sabia. Indiferentemente, ele estava certo que era hora de fugir.

Siggard voltou à construção, seguido por Sarnakyle, que fechou e trancou a porta atrás deles. Ele saltou quando uma mão tocou seu ombro, quase golpeando com Guthbreoht, mas algo na canção da espada o parou. “Venha, o caminho está limpo,” A voz do Conde Tilgar disse, e ele e Sarnakyle se viraram e encararam uma grande escadaria levando para dentro da terra.

Tilgar os levou para baixo, uma tocha em sua mão, e Siggard logo perdeu a noção do número de degraus que eles desceram. Quando chegaram à parte inferior, eles se encontraram em um grande túnel iluminado por tochas. Fundo no túnel eles podiam ouvir uma multidão de fracas vozes desaparecendo, como se um grande número de pessoas estivesse indo embora.

“Venham comigo,” Tilgar disse, e ele avançou vários passos. Então ele torceu uma das tochas da parede. Houve um grande rugido na terra, e várias toneladas de pedra caíram na escadaria, lacrando-a.

“Agora eles não podem nos seguir,” o conde disse, e os levou para dentro do túnel. “Estas passagens têm estado aqui desde os primórdios da cidade,” ele disse, gesticulando para as rochosas e cinzas paredes. Seu rosto pálido crepitava na luz das tochas. “Recentemente, elas foram expandidas em uma rota de fuga, e várias delas foram seladas. Esta nos levará bem ao oeste, onde nós podemos começar a nos dirigir para a capital. Esperançosamente, o arquidemônio estará muito ocupado em Brennor para nos parar.”

“Quando ocorreu a evacuação?” Siggard perguntou. “Devia haver dez mil pessoas na cidade.”

“Nós começamos a evacuar as pessoas logo depois de sua advertência,” Tilgar respondeu, acelerando o passo. “Nós as tínhamos esperando no túnel, para evitar revelar sua existência. Um quarto dos meus soldados pessoais foi com eles, caso o túnel fosse descoberto. O sinal que eu enviei foi para começar a mover pessoas para fora da passagem, não para dentro.”

Por quanto tempo eles caminharam, Siggard não pôde ter certeza. Fundo na terra almiscarada, sem sol, lua, ou estrelas, ele não tinha nenhum modo de medir o tempo, e com sua fadiga se aprofundando, toda a experiência assemelhava-se a um sonho acordado.

De repente, por detrás deles houve um retumbar surdo, como um trovão distante. O Conde Tilgar sorriu ironicamente. “Eu não acho que Brennor será a fortaleza que Assur esperava,” ele disse, mas não diria mais nada.

Finalmente, havia uma luz no fim do túnel. O brilho âmbar do amanhecer atravessou a terra tenebrosa, e eles emergiram de uma colina para uma manhã sem nuvens. Siggard tremeu no frio matutino, e Sarnakyle apertou algo morno e macio em sua mão.

“Eu notei que você perdeu seu manto durante a luta,” Sarnakyle disse. “Então eu lhe consegui um novo. Se eu puder achar o lojista, eu o pagarei por isto.”

Siggard movimentou a cabeça, cansado, e colocou seu novo manto preto, envolvendo-o sobre seu corpo como uma segunda pele. Ele olhou ao redor e viu um grande grupo de pessoas se movimentando, pessoas de todas as idades, artes, e disciplinas. Eles permaneciam atrás de um agrupamento de colinas que Siggard imaginou ser grande o suficiente para escondê-los da visão de qualquer guarda de Brennor.

Siggard subiu a colina e observou com atenção sobre a grande rocha. Quando ele olhou na direção da cidade distante, seus olhos arregalaram-se. As muralhas de Brennor não mais existiam, caídas em um amontoado de ruínas. O castelo ainda permanecia de pé, cercado pela cidade abandonada, e as janelas do forte brilhavam com uma luz vermelha sobrenatural.

Quando ele desceu, Tilgar sorriu em uma satisfação irônica. “As ordens finais da guarda da cidade eram para trazer a muralha abaixo. Um dos grandes segredos de Brennor é que qualquer inimigo que tome o lugar só ganhe uma pequena fortaleza. O Rei de Entsteig nunca permitiu uma de suas próprias cidades ser usada contra ele.”

Tilgar virou-se para um soldado pessoal, perguntando se Wulfgar ainda vivia. Quando a resposta voltou como negativa, o conde sacudiu a cabeça tristemente e começou a dar ordens de marcha.

“Siggard, eu ficaria agradecido se você permanecesse conosco,” Tilgar disse, colocando sua mão no ombro do guerreiro. “Seu braço de espada seria uma grande ajuda.”

Siggard agitou a cabeça. “Eu vou descansar aqui, e então voltar para Brennor ao anoitecer.”

Sarnakyle assustou-se. “Você está louco, meu amigo? O que você pode esperar fazer contra uma horda demoníaca?”

“Eu vou matar Assur,” Siggard respondeu friamente.

“Você sabe o que aquele glifo significa,” Sarnakyle insistiu. “Assur é invencível.”

Siggard sorriu de maneira sinistra. “O assassino de minha família está em Brennor, então eu o buscarei e o destruirei se eu puder. Eu sei que ele não me espera.”

“Se você fizer isto, provavelmente morrerá, Siggard,” Tilgar disse. “Está certo de que é isso que você quer?”

Siggard fixou ao conde um frio olhar. “Tudo que eu amo já está morto. Se eu devo perecer tentando vingá-los, então assim seja. Mas de uma forma ou de outra, eu juro que Assur morrerá em minhas mãos na alvorada.”

11 – RECOMPENSA



Enquanto um exército pode realizar mais feitos que um homem, há vezes quando um indivíduo pode alcançar o que uma legião não consegue.

– Tobarius de Kehjistan, *Filosofias*

Siggard andou a passos largos pela noite, sua mão descansando no cabo de Guthbreoht sob seu manto preto. Ele foi cuidadoso de não caminhar muito rápido, para não atrair atenção não desejada do castelo de Brennor.

Os refugiados haviam partido por volta do meio-dia, Conde Tilgar dando a Siggard instruções explícitas de onde eles estariam indo, e para ele encontrá-los se sobrevivesse. Sarnakyle ofereceu ajuda, mas Siggard recusou. A última coisa que queria fazer era arriscar a vida do feiticeiro, particularmente quando o Conde Tilgar teria uma necessidade muito maior de proteção mágica do que ele.

Depois que os refugiados partiram, Siggard limpou a crosta de sangue de sua espada e da cota de malha, checando ambas por ferrugem. Ele lubrificou a espada e enegreceu a cota com carvão, removendo quanto brilho ele pôde. Então ele esperou pelo pôr-do-sol.

Siggard finalmente alcançou o que havia sobrado dos portões de Brennor. A muralha havia verdadeiramente ruído, e o ar emitia um forte cheiro de morte. Da luz fraca das janelas do castelo, ele pôde ver corpos que jaziam ao longo dos destroços. Sem dúvida os corvos e carneiros haviam se banquetado durante o dia.

Ele assegurou que seu capuz estava cobrindo corretamente seu rosto, e começou a caminhar pela cidade. A maior parte dos edifícios pelos quais passava estava danificada e vazia como resultado da batalha, e os cadáveres dos guardas espalhados sobre a rua. Ele lentamente escolheu seu caminho através da carnificina, cuidadoso para não perturbar qualquer coisa.

Um fogo crepitante chamou sua atenção, e ele voltou para as sombras. Duas das criaturas-cabra passaram por ele, uma levando uma tocha, a outra uma cabeça decepada. Quando eles passaram, a canção de Guthbreoht ficou insistente, mas Siggard conteve-se. “Logo,” ele sussurrou. “Logo haverá vingança.”

Ele esperou por mais um momento, e então foi para a rua novamente, cuidadosamente se mantendo na escuridão. Ele estava certo que haveria guardas na porta de castelo, mas uma idéia estava começando a se formar em sua mente. Uma visão de Tylwulf retornou à vanguarda de sua memória, e ele sorriu de forma sinistra. O traidor seria útil, afinal.

Mas ele ainda tinha que entrar no castelo.

Ele fez seu caminho tortuoso através dos destroços da cidade, deslizando novamente para as sombras quando ele se deparou com uma fogueira de acampamento no meio de uma das praças da cidade. Vários demônios ao redor da chama, rindo e falando em alguma língua gutural. Um deles levantou um braço humano e roeu sua carne.

Siggard forçou para baixo uma onda de náusea e virou-se de lado, deslizando mais distante na escuridão. A retribuição viria cedo o bastante. Ele envolveu seu manto ainda mais apertado sobre ele e começou a fazer seu caminho em torno do grupo no fogo, esperando que não atraísse sua atenção.

Finalmente, o fogo à distância, ele avançou pelo labirinto de ruas destruídas, mantendo o castelo firmemente em vista.

Antes de poder reagir, uma das criaturas-cachorro dobrou a esquina à frente dele. A criatura levantou-se para sua altura máxima de quatro patas e o encarou.

“O que você quer?” exigiu.

“Vá embora,” Siggard rosnou, ficando perfeitamente parado.

“Você me diz o que quer ou mim chama guardas!” A criatura proferiu. “Agora o que você quer?”

“Eu vim para servir ao senhor Assur,” Siggard respondeu bruscamente. “Agora você vai sair de meu caminho, ou vou ter que te ferir?”

“Você vem comigo,” o homem-cachorro disse. “Mim leva você para outros.”

Siggard rolou seus olhos de modo teatral. “Muito bem.”

“Barão Assur precisa muitos homens,” a criatura vagueou, levando-o para a porta de castelo. “Ele precisa chamar mais demônios, precisa mais poder. Você dá corpo, você dá alma, você dá poder!”

A porta parecia desprotegida, mas quando eles a abordaram, dois Ocultos emergiram da escuridão, um em cada lado do caminho. O homem-cachorro falou algumas palavras, e eles se moveram de lado. Siggard seguiu a criatura para o pátio do castelo, tomando nota cuidadosa de onde o Ocultos se posicionaram.

“Você serve Barão Assur bem!” O demônio sussurrou, levando-o através de outro par de homens-cachorro guardando a entrada do forte. “Você dá ele boa alma!”

Siggard tentou ignorar as palavras dementes da criatura enquanto o seguia pelas passagens. Enquanto caminhava, sua mão dobrava-se no cabo de couro de Guthbreoht.

“Onde está Senhor Assur?” Siggard exigiu.

“Ele em quarto com muitos mapas,” o homem-cachorro disse. “Você não vai lá. O inspetor cuida de você.”

Siggard parou e olhou corredor abaixo. Estava vazio de ambos os lados, até onde os olhos podiam ver.

“Por que você parando?! Você me segue!”

Siggard sorriu friamente e golpeou. Guthbreoht relampejou na escuridão quando ele a desembainhou e cortou em um golpe único, mandando a cabeça do homem-cachorro em um baque surdo contra a parede. Siggard começou a caminhar intencionalmente corredor abaixo, sua espada sob seu manto. Ele sabia exatamente onde era o quarto de guerra dali.

Ele fez seu caminho pelo corredor, passando por vários demônios que pareceram pensar que desde que ele estava dentro do castelo, devia ter algum negócio legítimo. Ele sorriu interiormente quando chegou na porta do quarto de guerra, uma luz vermelha fluindo da rachadura entre as dobradiças. Estava aparentemente desprotegido, mas Siggard sabia mais.

Tão depressa quanto pôde, ele cortou o ar com sua espada, e as cabeças de dois Ocultos caíram por terra, os corpos aparecendo e colapsando logo depois. Ele olhou ao redor novamente para assegurar que não havia nenhum outro demônio em vista, e então abriu a porta e entrou.

A forma enorme de Assur pairou na sua frente, mas as costas do arquidemônio estavam viradas. Uma segunda coisa sombria virou-se em sua direção, contudo, como se percebendo que ele não estava possuído, e avançou em carga, garras estendidas. Tão flexível quanto um gato, Siggard atravessou a barriga do monstro, e a criatura desapareceu, gritando em agonia. A canção de Guthbreoht começou a crescer em força.

Assur virou-se, fitando Siggard com nervosos olhos negros. O arquidemônio puxou uma espada gigante da bainha ao lado de sua tanga.

“Você é tolo, mortal,” Assur retumbou. “Nenhuma arma portada pelos vivos pode me ferir, nem mesmo uma espada de Velund.”

Siggard levantou Guthbreoht e começou a falar, cada palavra o enchendo com ira. “Eu sou Siggard da Colina do Urso, cuja família e aldeia você sacrificou. Saiba agora que eu morri por dentro no dia que minha esposa o fez, e em minha alma não há nada além de cobiça por vingança. Eu terei minha vingança sobre você, pois você batalha com um homem morto neste dia!”

Siggard rugiu em fúria e atacou, seu assalto empurrando o demônio para trás. As duas espadas bateram com uma velocidade incrível, clamando com um tilintar de aço atormentado. O rosto de Assur era uma máscara de diversão, mas rapidamente se tornou de raiva à medida que a ofensiva continuava.

“Morra de verdade, mortal!” Assur berrou, contra-atacando. Ele levantou sua espada e levou-a para baixo com todo seu poder, Siggard quase não bloqueando o golpe mortal. Ele empurrou para frente, forçando Siggard a mergulhar para fora do caminho. Urrando, Assur o circulou, atacando novamente. O poder dos golpes jogou Siggard para trás, cada bloqueio entorpecendo seu braço até que ele pensou que precisaria de força sobre-humana para derrotar o demônio.

Então a canção de Guthbreoht encheu seu espírito, e Siggard começou a rir. Com um antigo grito de guerra, ele avançou para frente, atingindo a espada da mão de Assur. Quando o demônio recuou em choque, Siggard perfurou, encravando o glifo e direcionando o aço ao fundo da carne do monstro.

Assur gritou, um grito de ira, medo, e dor. O sangue despejou do ferimento quando Siggard torceu sua espada, colocando o arquidemônio de joelhos. Com um puxão cruel, Siggard libertou sua lâmina.

“Agora está terminado,” ele disse, e com um grande e extenso movimento, cortou a cabeça de Assur. Ela voou através do quarto, batendo contra a parede e caindo ao chão. Enquanto Siggard assistia, o rosto demoníaco se derreteu no semblante de um homem de meia-idade, um olhar de horror pintado através de seu rosto. Siggard virou-se para o corpo e assistiu-o tombar para o chão. Silenciosamente, ele mudou-se em um cadáver humano com vestes esfarrapadas.

Ele saiu do quarto de guerra e andou a passos largos corredor abaixo, exausto. Um par de demônios o abordou, mas enquanto ele se virava eles deram um grito estridente de agonia e explodiram em chamas. Ele subiu para uma das janelas e olhou através das ruínas da cidade. Brennor estava viva com pequenas chamas, fogos dançantes correndo ao redor na forma de criaturas em tormento e então desaparecendo.

“Você matou nosso mestre!” Veio um grito detrás dele. Ele virou-se, espada pronta, e encontrou um guarda com loucos olhos vermelhos avançando sobre ele. Siggard andou para o lado casualmente e cortou, eliminando o homem possuído. Então ele continuou o caminho para fora do castelo. Se ainda houvesse forças demoníacas na cidade, que assim fosse; ele havia tido sua vingança afinal.



Siggard se sentou em uma colina próxima às muralhas caídas de Brennor, assistindo o amanhecer. Ele balançou a cabeça, tentando entender por que ele ainda se sentia vazio e sem realização. Sua família tinha sido vingada; certamente era o suficiente para dar a ele alguma paz, não era?

E havia algumas outras coisas que ele começava a pensar a respeito. Pequenos aspectos dos últimos dias que tinham estado lhe incomodando, mas que ele não tinha

tido tempo para considerar. Coisas horríveis, que só podiam levar a uma terrível conclusão.

“Você se saiu surpreendentemente bem,” uma voz familiar disse.

“Tyrael,” Siggard falou, levantando a cabeça para olhar o rosto calmo do arcanjo que vestia um capuz cinza. “Eu achei que você viria.”

Tyrael meneou a cabeça em confirmação. “Depois que Brennor caiu e você ficou para trás, eu tinha que ver o que você faria. Você deve estar orgulhoso; libertou o mundo de um grande mau.”

Siggard tentou sorrir, mas ele achou que simplesmente não poderia se sentir feliz. “Eu tenho pensado sobre algumas coisas. Meus dias perdidos, minha falta de apetite, como eu estava sem medo de me ferir durante a batalha, esse tipo de coisa.”

Tyrael se sentou em uma pedra e contraiu seus lábios. “E?”

“O glifo de Assur era absoluto, não era? Nenhuma mão viva podia matá-lo.”

“Isso é verdade.”

Siggard envolveu seu manto ao redor dele e tentou espantar um arrepio. “Quando eu morri, então?”

“Em Blackmarch,” Tyrael respondeu. “Você foi apunhalado nas costas por um Oculito durante a última confusão da batalha. A lâmina penetrou em sua cota de malha e o matou.”

“E o Céu me trouxe de volta,” Siggard adicionou.

Tyrael sacudiu a cabeça. “Não, nós não fizemos isso. Você fez tudo sozinho.”

“Eu não entendo.”

Tyrael se debruçou para frente. “Muito raramente, talvez uma ou duas vezes a cada dez milênios, há uma alma tão cheia de vida que a morte não pode clamá-la. Eu vi isso apenas uma vez antes. Tudo o que eu fiz foi direcioná-lo para onde você poderia fazer algum bem. Sua realização, estou contente em dizer, foi excelente.”

“Eu sou um fantasma então, ou um espírito?”

“Não,” Tyrael pensativamente respondeu. “É difícil de dizer o que você é. A morte não pode reivindicá-lo, mas a vida também não. Você está preso em algum lugar entre elas, até que você encontre um modo para descansar sua incrível vitalidade. E então, talvez, a morte o encontrará.”

“Eu suponho que agora que eu vinguei minha família, eu possa descansar,” Siggard disse. “É como as histórias de fantasmas terminam, não é?”

Tyrael sacudiu a cabeça tristemente. “Você não encontrará seu descanso através de vingança, não importa o quão duro você tente. A vingança é um ato de ódio, e ódio nunca traz paz. Não, se você for encontrar alguma paz, você deve fazer por um ato de amor. Eu acho que você a encontrará, embora possa levar séculos.”

“Adorável,” Siggard rosnou.

“Não se sinta muito mal sobre isso,” Tyrael disse. “Do modo que eu vejo, você tem uma escolha. Você pode procurar por algum ato de amor que trará paz a você, ou vagar pela terra e nos ajudar em nossa batalha contra o Inferno.” O arcanjo se debruçou para trás e observou Siggard calorosamente. “Você tem um grande presente, sabe. A única mão que poderia aquietar seu coração é a sua própria. Essa foi apenas uma batalha em uma guerra muito maior. Os Demônios Primordiais agora querem domínio sobre os reinos mortais, e eles continuarão em busca disso. Você seria um soldado ideal contra eles.”

“É uma grande coisa para se pensar,” Siggard disse.

Tyrael sorriu e começou a desaparecer. “Não se preocupe,” sua voz ecoou. “Você tem todo o tempo no mundo. Que a luz vá com você, meu amigo.”

Siggard se sentou durante algum tempo, ponderando. Então ele colocou-se de pé, espreguiçou, e começou a caminhar de volta para o Conde Tilgar e seus homens. Ele tinha uma longa estrada a sua frente, mas pelo menos ele conhecia seu primeiro destino.

EPÍLOGO



*Quem pode ver os planos do Céu ou do Inferno?
Não busque saber o que não se pode saber, pois o destino tudo revelará quando o
tempo for o certo.*

– Gesinius de Kehjistan, *Doutrinas do Zakarum*

A destruição do arquidemônio Assur em Brennor no ano 302 provaria ser uma das mais significantes primeiras vitórias da Guerra do Pecado, e as terras de Entsteig permaneceram seguras contra forças do Inferno por pelo menos dois séculos depois.

Conde Tilgar reformou a cidade e destruiu as poucas forças demoníacas que sobreviveram à morte de Assur. Nos anos seguintes, depois de sobreviver a uma escassez devastadora que custou muitas vidas, ele fundou a dinastia que governou Entsteig até a captura e encarceramento dos próprios Demônios Primordiais, por volta de seiscentos anos mais tarde.

Sarnakyle viajou pelas terras ocidentais por outros cinco anos, finalmente retornando a Kehjistan e levando os Vizjerei de volta à prática da magia elemental. Sua morte não é registrada, pois vinte anos depois de retornar a sua pátria, ele novamente começou a vagar, e nunca retornou. Ele foi lembrado como “O Feiticeiro Vermelho,” e até hoje os Vizjerei acreditam que em um tempo de grandes dificuldades ele voltará para liderá-los.

Siggard permaneceu com Conde Tilgar por vários anos para ajudar a reconstruir Brennor. Ele então começou a vagar pelo mundo, lutando em muitas das batalhas da Guerra do Pecado. Diziam que ele lutou em batalha atrás de batalha ao longo dos séculos, embora o que é verdade e o que é ficção dos bardos seja impossível de dizer. Depois de uns quinhentos anos, porém, ele desaparece das sagas e épicos. Se Siggard finalmente encontrou sua paz ou acabou cansando dos conflitos, ninguém pode dizer.

Porém, ainda permanece entre o entsteiguianos que se alguém for para as ruínas de uma certa aldeia na Noite das Almas, verá uma figura solitária em vigília silenciosa na névoa, buscando um vislumbre de pessoas queridas há muito tempo desfeitas em poeira.

PÓS-LIVRO



Este foi um livro muito envolvente, e eu não poderia tê-lo feito sozinho. Existem dúzias de pessoas para agradecer, de compositores e autores que forneceram inspiração ao longo dos anos até o editor e agente que me ajudaram a assegurar esta oportunidade. Há oito pessoas que merecem menção especial, porém: Marco Palmieri, o editor da *Pocket Books* que me deu a chance, Jennifer Jackson, a agente que me admitiu, e as seis almas tolerantes que leram o rascunho de pré-submissão e me deram alguns comentários muito úteis - Frances Maxwell, Trudy A. Goold, Arlene Marks, Gordon Brown, David Marks, e Dennis McKiernan.

De alguma maneira, entretanto, eu nunca imaginei que começaria minha carreira literária profissional com um livro de *Diablo*. Mas aqui estou, e orgulhoso.

O mundo de *Diablo* é um daqueles lugares mágicos que te prendem. O próprio jogo era uma diversão em forma de masmorras, com algumas boas missões secundárias para manter as coisas interessantes. Quando todo mundo estava jogando cooperativamente, o modo de vários jogadores do jogo era o melhor que eu já tinha visto. Mas não era nem o modo multi-jogadores que o distinguia dos demais; pelo contrário, era a incrível e vasta mitologia atrás do mundo.

Os mitos de *Diablo* são um épico. É um mundo onde as forças dos Céus e do Inferno guerreiam no plano mortal, e onde a humanidade se coloca entre eles nunca é completamente claro. É uma mitologia profundamente religiosa, baseada na guerra entre Satanás e Deus no livro anglo-saxão do Gênesis. E, como tal, é um fundo onde se pode lidar com assuntos morais, filosóficos, e teológicos.

Para ser bastante seco, é um divertimento poder escrever neste reino maravilhoso, mas extremamente sombrio. Diferentemente de muitos outros mundos licenciados, onde tão pouco é deixado para a imaginação que o autor se sente acorrentado, este aqui é maravilhoso e apavorante, com muitos cantos e gretas para explorar.

E, ser o autor do primeiro artigo de ficção de *Diablo* é uma honra imensa. Junto com essa honra, porém, vem uma profunda responsabilidade. O primeiro autor deve fixar um tom à série em geral, preenchendo pedaços pequenos do mundo quando necessário, e mantendo ambos o terror e a maravilha. A primeira história deve apresentar o mundo de tal modo que o leitor queira voltar, não importa quem está contando a história.

Eu tentei fazer deste o melhor livro possível, e acho que é um que eu possa me orgulhar. Eu espero que aqueles que o lerem queiram retornar mais uma vez para este mundo surpreendente onde demônios e anjos caminham entre homens mortais.

Robert B. Marks

Setembro de 2000

SOBRE O AUTOR



Robert B. Marks é um diplomado do programa de Estudos Medievais na *Queen's University*, Ontário. Ele é ambos escritor e editor, e seus projetos atuais incluem um romance completo de fantasia, uma antologia das histórias de Beowulf intitulado *O Legado de Beowulf*, e a primeira edição de uma revista virtual amadora de fantasia intitulada *Dragões e Demônios* (www.angelfire.com/zine/DragonsAndDemons).

Quando não está escrevendo, ele pode ser encontrado pintando miniaturas de fantasia e matando monstros no *Battle.net* sob o pseudônimo de “Garwulf.”

PALAVRAS DO TRADUTOR



Neste meu primeiro trabalho de tradução, eu, sob o pseudônimo de Nick Gray, tentei fazer o meu melhor, sempre mantendo o estilo original do autor e traduzindo com o máximo de fidelidade possível. Em alguns momentos, porém, algumas mudanças foram necessárias na tradução, mas nada que alterasse a essência do texto original.

Meu intuito com este trabalho é disponibilizar aos fãs brasileiros de *Diablo* um romance inteligente e surpreendente, que servirá, além de diversão, para ampliar os conhecimentos sobre esse glorioso e sombrio universo.

Sou fã desde que comprei o *Diablo* original para PC, em uma banca de jornal. Já tendo visto algumas pessoas jogando no *Playstation*, fiquei desesperado para adquirir o meu em busca de distração. E não me arrependi. Sendo um dos melhores jogos que já joguei (e algumas vezes ainda jogo), *Diablo* proporcionou a mim, minha irmã e meus amigos, muitas horas de entretenimento, com seus itens e jogabilidade quase infinitos. Mas, como mencionado pelo autor deste livro, também não foi isso que mais me chamou atenção. Foi a sua história, sua mitologia. Apaixonante, viciante, encantador e sombrio. É como consigo descrever o mundo de *Diablo* e, conseqüentemente, seu sucessor *Diablo II* e a expansão do mesmo.

Espero logo ter a chance (leia-se tempo) de traduzir os outros livros da série – e também lançar o meu próprio livro, já em produção –, e quando possível irei disponibilizá-los. Com isso, espero fazer com que as pessoas se distraiam e se divirtam, seja nos portões dos Céus ou nos mais obscuros abismos do Inferno.

P.S.: Com este, não pretendo incentivar a pirataria, mas apenas dar aos brasileiros algo que eles nunca conseguiriam de outra forma: a *Série Diablo* em português. Simples.

Agradecimentos:

Agradeço inicialmente à *Blizzard*, por nos proporcionar jogos de tão excelente qualidade. Agradeço aos criadores do software de tradução e dicionário de inglês que uso, *MicroPower Delta Translator 3.0*; realmente muito bom!

Também, devo agradecimentos ao meu amigo *Temaiados*, pelas vezes que o importunei com dúvidas e sugestões sobre a tradução, e pelo mesmo motivo ao pessoal das Comunidades do *Orkut*: *Tecla Sap* e *Eu Amo Inglês*. Muito obrigado mesmo!

Outros agradecimentos ao meu revisor, Leon Monteiro, ao (Ð34Ð/) pela versão em PDF, e ao Victor Hugo (criador da melhor tradução para o jogo *Diablo II* [www.orkut.com/Community.aspx?cmm=1922534]).

E finalmente, mas não menos importante, a todos os meus amigos que me apoiaram e aos participantes da comunidade no *Orkut*.

Dúvidas, críticas, elogios, sugestões ou correções, por favor entre em contato pelo e-mail (sendo também meu MSN): nickasd@gmail.com, ou pela comunidade do *Orkut*: *Livros Diablo – Tradução*: www.orkut.com/Community.aspx?cmm=34638864.

Nick Gray

Maio de 2007 (Edição de: Outubro de 2007)